



São Luís

CADERNO DE RESUMO • SEMINÁRIO

PROJETO
MEMÓRIA

LÉLIA Gonzalez

Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas



Realização:



Parceria:





PROJETO
MEMÓRIA

LÉLIA
Gonzalez

Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas



São Luís

Porto Alegre

Rio de Janeiro

Belém

Brasília

Salvador

Belo Horizonte

**17 e 18
de setembro
de 2024**

Convento
das Mercês





SOBRE

**Lélia
Gonzalez**

Nascida em Belo Horizonte no dia 1º de fevereiro de 1935, Lélia de Almeida mudou aos 7 anos para o Rio de Janeiro. Ela não precisou trabalhar nova, por ter muitos irmãos mais velhos. Impulsionada por eles e por sua mãe, Lélia pôde se dedicar aos estudos.

Graduou-se em História e em Geografia pela então Universidade do Estado da Guanabara, hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi professora de Ensino Médio e, aos 30 anos, começou a estudar Psicanálise.

Em 1975, fundou o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras e o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Além de criar o primeiro curso institucional de cultura negra do Brasil.

Ainda antes dos 40, Lélia já era uma intelectual reconhecida. Foi quando se tornou ativista do movimento negro, por meio do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo, pelo qual se tornou uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado em 1978.

A partir de então, no meio intelectual começou a trabalhar para quebrar a ideologia hegemônica racista e sexista que imperava no meio acadêmico. Ela começou a abordar os debates contemporâneos do Brasil e do mundo por uma centralidade amefricana.

Concorreu a deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 1982 e trabalhou como assessoria da então vereadora de primeiro mandato Benedita da Silva, no Rio de Janeiro. Contribuiu com a fundação tanto do PT como do PDT, além do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras e do Olodum.

SOBRE O PROJETO MEMÓRIA

Criado em 1997, pela Fundação Banco do Brasil, o Projeto Memória tem como missão resgatar, preservar e difundir a vida e a obra de importantes personalidades que contribuíram para a transformação social e a construção da cultura brasileira.

Foram realizadas 13 edições, com o objetivo de valorizar a cultura e a história do país, a partir de homenagens a personalidades e fatos que ajudaram a construir a identidade nacional e fortalecer a cidadania.

Já foram homenageados pelo Projeto Memória o poeta Castro Alves, o escritor Monteiro Lobato, o jurista Rui Barbosa, o navegante Pedro Álvares Cabral, o presidente Juscelino Kubitschek, o sanitarista Oswaldo Cruz, o sociólogo Josué de Castro, o educador Paulo Freire, a feminista Nísia Floresta, o líder da Revolta da Chibata João Cândido, o sertanista Marechal Rondon, e o poeta e escritor Carlos Drummond de Andrade.



1º DIA – 17·SETEMBRO·2024

SEMINÁRIO

“Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas”

São Luís, MA

Convidada

Lourdinha Siqueira



Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão, com especialização em Comunidades Latino-Americanas pelas Nações Unidas. Possui doutorado em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, França. Foi professora na Universidade Federal da Bahia, Conselheira do Conselho de Promoção da Igualdade da SEPIR e diretora de Estudo e Pesquisa da Fundação Palmares. Tem vasta experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras. Além disso, atuou como membro da comissão executiva nacional do Movimento Negro Unificado (MNU). Atualmente, é diretora da Associação Cultural Ilê Aiyê.

Mediadora

Josanira da Luz



Formação acadêmica Administração com pós em política pública. Sociedade Civil: Conselheira do Centro de Cultura Negra do Maranhão e do Grupo de mulheres negras mãe Andresa, integrante da Rede de Mulheres Negras da Amazônica/Rede Fulana. Controle Social: Membro do Conselho Estadual de Segurança e Nutricional/ CONSEA-MA coordenadora do Fórum Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional/FMSAN-MA.

Convidada

Jurema Batista



Professora, formada em Português - Literatura, com especialização em Políticas Públicas pela UFRJ. Foi eleita por 3 vezes vereadora, além de ter sido a primeira deputada estadual negra do Rio de Janeiro. Defensora dos Direitos Humanos, sempre lutou em defesa das populações desfavorecidas, trabalho este que atravessou fronteiras, sendo reconhecida pela ONU, com indicação ao Prêmio Nobel da Paz de 2005.

Convidada

Jane Ribeiro



Funcionária do Banco do Brasil desde 2000, atualmente sou Gerente de Relacionamento na agência Estilo Parque Atlântico MA, após 13 anos na Gestão de Pessoas e 4 anos na Logística. Bacharel em Administração, Pós Graduada em Gestão de Pessoas e em Gestão de Negócios DRS. Educadora Corporativa do BB, Mediadora, Diretora do Sindicato dos Bancários do Maranhão, integrante do BB Black Power e mãe do Danilo e da Giovanna.

PAINEL I

A Luta Antirracista e Antissexista de Lélia Gonzalez

FALAS DE ABERTURA



Brenda Maria (Mestra de Cerimônia): Boa noite a todas e todos aqui presentes nesta bela noite. Eu sou Brenda Maria e irei conduzir essa cerimônia.

É com grande alegria que damos início à primeira noite de seminário do “Projeto Memória Lélia Gonzalez: Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas”. Este é um momento muito especial, onde celebramos e homenageamos a história, a luta e o legado de Lélia Gonzalez, cuja contribuição foi e continua sendo inestimável para a nossa sociedade. Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão pela presença de todos vocês aqui nesta noite. Muito obrigada.

Em homenagem aos 90 anos do nascimento e 30 anos do falecimento de Lélia Gonzalez, o “Projeto Memória” resgata a vida e a obra da escritora e ativista em uma série de atividades itinerantes. A iniciativa, que começou em Salvador, lá em maio, já passou por Belo Horizonte e hoje estreia aqui em São Luís, na nossa terra. E passará por mais quatro capitais brasileiras, com exposições e seminários que refletem sobre a luta antirracista e antissexista, até agosto de 2025.

Essa iniciativa é uma realização da Associação Amigos do Cinema e da Cultura, em parceria com a Fundação Banco do Brasil. Antes de iniciarmos o nosso diálogo, queremos agradecer a Secretaria de Educação do Governo do Estado do Mara-



nhão, a Fundação da Memória Republicana Brasileira, a Fundação Banco do Brasil, e o Governo Federal do Brasil: União e Reconstrução.

Convidamos agora, neste momento, para uma breve fala, o filho da nossa homenageada Lélia Gonzalez, o senhor Rubens Rufino.

Rubens Rufino: Boa noite, gente. Ai, sempre que eu vou falar de Lélia, me emociona. Uma porque eu tive aqui... tô revendo pessoas que tiveram a convivência com a minha mãe, isso é muito legal. falo de Lélia de Almeida. Vocês vão ter aqui, daqui a pouco, pessoas com cabedal pra falar da Lélia Gonzalez, ativista, antropóloga, enfim. Eu não consigo falar dela... apesar de ter tido uma oportunidade ímpar de conviver com ela, de aprender muito com ela sobre o movimento negro, sobre o movimento de mulheres, sobre o movimento dos indígenas, sobre o movimento que, na época, a gente chamava homossexual em geral - tanto os homens quanto mulheres, né? Sempre lutando contra qualquer tipo de preconceito ou discriminação. Isso cresceu dentro de mim de uma forma muito forte, com aprendizado, com a oportunidade de conviver com pessoas do movimento negro - as reuniões ocorriam lá em casa -, com o movimento de mulheres negras.

As reuniões ocorriam lá em casa, então eu consegui beber dessa fonte, E aí a gente vê hoje algumas coisas que acontecem no país, que ela falava há 40, 50 anos. E eu gostaria que a gente tivesse num outro nível, num outro patamar, tivesse superado isso. Mas enfim, a gente não pode deixar a peteca cair.

Tem que continuar na luta, né? E assim, eu tô vidrado no ambiente, nesse prédio maravilhoso, que com certeza tem histórias nossas - de nós, negros, do povo brasileiro, da gente sofrida que construiu isso aqui, né? E não somos reconhecidos como protagonistas da história do Brasil. E a gente continuar na luta pra que isso aconteça. Nunca desistir. Como dizia ela: “vamos lá, negadinha”.

Eu acho importante esse tipo de ação, esses projetos, essas iniciativas, pra gente fincar o nome nosso na história do Brasil. Tem duas coisas acontecendo agora em fevereiro, que é a hashtag “Lélia 90”, onde ela completa - pra mim, minha mãe tá viva, Lélia Gonzalez vive, o que eu sempre digo no projeto que nós tínhamos no Instagram -, completa 90 anos, e vamos ter o mês de fevereiro com muitos eventos. O primeiro vai ser em primeiro de fevereiro, lá no Rio de Janeiro, e a gente quer fazer uma coisa itinerante: percorrer todo o Brasil, por todos os locais que ela percorreu, tanto o Nordeste, Sudeste, Norte, Sul. seguir os passos de Lélia Gonzalez.

Estou emocionado, agradecido, um pela acolhida que vocês tão dando ao projeto - isso é muito importante, de ver o auditório com um monte de gente, né? É bacana. Homens, mulheres, crianças, preto, branco, indígena, amarelo, azul. É isso. A gente é da inclusão, sabe? A gente tem que se unir pra que a gente conquiste o que tem que conquistar. Eu só tenho a dizer: valeu, gente. Muito obrigado.



Brenda Maria (Mestra de Cerimônia): Agora gostaríamos de convidar ao palco, para uma breve fala, a representante da Fundação Banco do Brasil, senhora Jaqueline Perroud.

FALAS INSTITUCIONAIS



Jaqueline Perroud: Boa noite a todos. Eu gostaria de parabenizar o pessoal do projeto. Estar aqui num projeto que, com todas as violências que as mulheres negras sofrem, um projeto que fala sobre a história e o legado da Lélia é muito importante. E nós, da Fundação Banco do Brasil, que é o braço social do Banco do Brasil, estamos muito felizes em participar e fazer parte desse projeto, que tá levando pra vários lugares do Brasil um pouco da história e o legado de uma mulher negra, que é uma das maiores intelectuais, ativistas. É uma inspiração pra nós que estamos hoje na luta, e que várias coisas virão.



E o que eles fizeram antes, o que ela fez antes, nos trouxe até aqui. E o que a gente tá fazendo hoje, levará uma vida melhor para os próximos. Então, é muito importante o que a gente tá fazendo e a gente tá muito feliz em participar desse projeto. Muito obrigada.

Brenda Maria (Mestra de Cerimônia): Agora gostaríamos de convidar ao palco, para uma breve fala, o coordenador do Escritório do Ministério da Cultura no Maranhão, Paulo Sabá.



Paulo Sabá: Muito boa noite a todas as pessoas aqui presentes a este evento. Nós queremos saudar todas as pessoas presentes, com uma satisfação muito especial por este evento à Lélia Gonzalez, marcando essa grande conquista na história do povo negro brasileiro, inspiração para todos nós. Nós estamos aqui, o Escritório do Ministério da Cultura no Maranhão, com toda a equipe.

O Maranhão tem um legado negro extremamente importante. Eu cheguei agora no evento porque eu estava num evento aqui, organizado pela Articulação do Semiárido, e lá nós tivemos uma experiência da TV Quilombo Rampa. O Raimundo, pra quem conhece, o Quilombo Rampa fica no município de Vargem Grande. Uma experiência de comunicação que eu fiquei... assim, quem conhece fica apaixonado. Divulgando a história da comunidade negra para o Brasil, para o mundo, expandindo experiências, que a ONU convocou para compartilhar. De grande expressão, falando da sua própria vida - lá do cofo, lá da casa de farinha -, e isso é extremamente importante. Esse evento da memória da Lélia é mais um evento pra fortalecer a luta do povo negro do Brasil... do nosso Maranhão, do Brasil e do mundo, porque a luta de Lélia - como a luta da Anacleto, aqui do Quilombo Santa Rosa dos Pretos, de Itapecuru - é uma luta universal. É uma luta de todos nós, de todas nós.

Então, estarmos nós, do Escritório do Ministério da Cultura, aqui presentes e extremamente felizes em participar, junta-

mente com a Fundação da Memória Republicana Brasileira. Obrigado a todos e sejam bem felizes aqui nesse evento.

Plateia: Anacleta Pires presente. Anacleta Pires...



Brenda Maria (Mestra de Cerimônia) - Presente. Além dos seminários, o “Projeto Memória” apresenta uma exposição com 18 painéis históricos que registraram a vida e a obra da escritora. A mostra ficará aberta à visita do público até 18 de outubro na Galeria Dila, aqui no Convento das Mercês.

A exposição também receberá a visita de alunos ao longo do período, com a disponibilização de transporte gratuito, para conhecer a trajetória da nossa intelectual. Nesta primeira noite de seminário, temos a honra de contar com a presença de professoras, ativistas e estudiosas do pensamento e contribuições de Lélia a partir de suas análises sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo na sociedade brasileira. A temática do Painel 1 é intitulada “A Influência de Lélia Gonzalez na Luta Antirracista e Antissexista”.

FALAS DO SEMINÁRIO



Josanira da Luz (Mediadora): Nesse primeiro momento eu gostaria de pedir licença a todos vocês e um minuto de silêncio pra nossa amada Anacleta Pires da Silva. É uma mulher negra, preta, quilombola, filha da terra de Santa Rosa. Anacleta, que fez a passagem da terra, do rio e do mar. Mais uma mulher, assim como Lélia, guerreira, lutadora e defensora do bem viver. Anacleta presente.

Plateia: Hoje e sempre.



Josanira da Luz (Mediadora): Hoje e sempre. Lélia presente.

Plateia: Presente.

Josanira da Luz (Mediadora): Silva Cantanhede...

Plateia: Presente.



Josanira da Luz (Mediadora): Presente. Tantas e tantas outras negras e negros que tiveram presente na defesa da luta antirracista. Nós, nesse momento, estamos nessa reflexão de comemoração, mas também de grandes reflexões, né? Que o mundo que nós queremos, o nosso bem viver, vários momentos que Lélia deixou pra nós e que nós caminhamos juntos, e juntas, e firme pelo bem viver. E parabenizar a todos, ubuntu, ubuntu a todos e todas que estão aqui, militantes e militantes, representantes do Movimento de Mulheres Negras, do Centro de Cultura Negra, da APN, estudante, enfim, todos os que estão aqui presentes pra esse momento.

Gostaria de convidar a nossa querida, maravilhosa, professora Lourdinha, assim como é conhecida para os mais íntimos. Essa querida mulher contrarrânea, que nasceu em Codó, com seu legado. Tem todo esse histórico institucional aqui. E então eu passo, no primeiro momento, pra que professora Lourdinha possa nos presenciar com a sua graça.



Lourdinha Siqueira: Eu repito que é uma honra, uma alegria e um compromisso estar aqui presente neste momento tão bonito, tão especial, tão honroso. Eu gostaria de agradecer, de todo o meu coração, a todas as pessoas que contribuem para a realização desta beleza, da beleza desse momento. Eu não vou conseguir citar essas pessoas, mas eu me refiro à família de Lélia, aos promotores do evento, aos promotores e pro-

piciadores do evento. Uma saudação muito especial à nossa belíssima representante do movimento negro, do feminismo, dessa luta negra. Estou falando da nossa queridíssima deputada, vereadora, militante, Jurema Batista.

Eu gostaria também de dizer que eu fiz o possível de preparar o que Lélia merece que se diga a respeito da vida dela, da história, da militância.

Lélia é daquelas pessoas da família que você encontrou, gostou do jeito dela, queria vê-la de novo muito mais vezes. De repente, ela partiu sem dizer que não ia mais voltar. As saudades ficaram no ar com muitas lembranças.

Um legado consistente, contemporâneo, do ponto de vista humano e intelectual. Pessoalmente, eu tive a honra de encontrar com Lélia na Bahia, em uma das primeiras reuniões do Movimento Negro Unificado, lá em Salvador, no bairro da Vitória, junto com outros militantes históricos do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres. Entre outras oportunidades, eu voltei a vê-la subindo juntas a Serra da Barriga, lá nas Alagoas, em direção à República de Palmares. Ela distribuindo uma cópia da música de Milton Nascimento, que diz: “o artista tem que ir aonde o povo está”. O manuscrito, com a letrinha dela, eu guardei por muito tempo, preciosamente - e quem sabe um dia eu vou encontrar.

Eu tenho um brevíssimo depoimento de uma professora da UERJ, que foi contemporânea de Lélia na universidade. A professora Lilia Lobo disse: “Lélia era uma mulher bonita, muito bonita, muito simpática, muito alegre. Todo mundo gostava dela”. Todos reconheciam nela uma mulher linda. Os alunos da faculdade gostavam dela pela qualidade de pessoa que ela era, pela professora preparada, competente, e séria, e de muito bom trato.

Mesmo um professor da UERJ com posições contrárias ao pensamento de Lélia e às atitudes que ela expressava lá dentro da UERJ; declarava apreço, respeito pela competência da professora Lélia Gonzalez.

A propósito, de todo um trabalho promovido, escrito, da militância, do estudo na universidade, eu escrevi algumas palavras: Perspicácia, inteligência, compreensão, comprometimento conduziram Lélia a um caminho de enfrentamento, descobertas, ativismo em direção às transformações da sociedade brasileira do seu tempo, privilegiando as especificidades de ser negro, principalmente nas dimensões de ser mulher negra, convivendo com racismo, desigualdade, marcas de uma abolição mal resolvida e dominações coloniais de toda sorte.

Não há dúvida de que, para Lélia Gonzalez, Palmares foi a primeira tentativa da criação dessa sociedade igualitária, onde existiu uma efetiva democracia racial.

Lélia não se absteve à crítica do movimento feminista branco. Ela se deteve naquilo que considerava desvios do emergente feminismo negro, que foi tudo muito bem explícito aqui na apresentação que nos precedeu. Pois o feminismo, então anterior à Lélia Gonzalez, não representava a trajetória das mulheres negras, das classes populares. Não traduzia suas necessidades prioritárias e nem dialogava com suas expressões culturais próprias.

Para equacionar essas contradições, Lélia apontava que as africanas, as mulheres da diáspora africana na América Latina e no Brasil, teriam resistência ao feminismo por não se verem nele representadas, e por seu discurso lhe parecer algo distante de suas experiências e de seus cotidianos. Este texto eu encontro em “Lélia Gonzalez: O Feminino Negro no Palco da História”.

“Meu interesse maior com este meu trabalho, é relembrar autores que retratam Lélia Gonzalez e suas próprias criações, no sentido de oferecer subsídios para repensarmos questões fundamentais na perspectiva da especificidade das questões relacionadas à mulher negra, principalmente brasileira. Essas reflexões que nos ajudam a trabalhar, a militar, a lutar pelo combate ao racismo, à construção de uma vida negra, com consciência negra, autoestima, valorização da cultura de ori-

gem africana e afro-brasileira, incluindo o significado da espiritualidade africana que nos fortalece, que nos anima, do ponto de vista das religiões de matrizes africanas. É importante relembrar a significação dos engajamentos e contribuições de toda uma militância de pessoas que nos antecederam com seus saberes, seus trabalhos, suas lutas, com tenacidade pela edificação desses valores que nos constituem, sendo pessoas negras, brasileiras, afro-brasileiras, na perspectiva de propósitos que foram se construindo, desconstruindo, reconstruindo a partir de novas buscas, novos direcionamentos. O importante é não perder de vista os alicerces da ancestralidade que tem origem nas civilizações africanas”.

Em meados de julho de 1983, a companheira Jurema Batista, fundadora e presidente da Associação de Moradores do Morro do Andaraí, seguiu para Lima como delegada do Nzinga, para o 2º Encontro Feminista da América Latina e do Caribe, ao lado de duas representantes do grupo de mulheres negras do Rio de Janeiro”.

O filho de Lélia aqui presente é testemunho de toda essa história por ela contada. As oportunidades de trabalho foram diversificadas. A própria Lélia conta que foi babá de filho de madame, seguindo a regra de que a criança pobre e preta começa a trabalhar desde cedo, enfrentando, superando e criando caminhos depois de percorrer longas estradas. Lélia percorreu esses caminhos todos junto com sua família biológica, hoje aqui representada pelo seu filho, associando-se a pessoas, grupos e sociedades que a vida foi colocando ao seu lado.

Numa perspectiva de passar, de participar de tantas lutas, Lélia representa e assumiu no seu tempo uma postura do que hoje constitui os estudos de descolonização, decolonialidade, inclusão, criação e envolvimento nas lutas mais diversas, que vêm desde o século XVI, passando pelas irmandades religiosas negras, religiões africanas e afro-brasileiras, e que se articula no protagonismo negro dos anos 30, com a Frente Negra de Libertação e Imprensa Negra, Teatro Experimental do Negro, criado pelo nosso líder de consistência maior Abdias

Nascimento. E nos anos 70, retomadas, com a invenção da Associação Cultural Bloco Afro Ilê Aiyê e Movimento Negro Unificado.

Lélia Gonzalez conheceu pessoalmente e participou de trabalhos conjuntos com lideranças negras exponenciais, a exemplo de Aimé Césaire, da Martinica, companheiro de lutas de Léopold Sédar Senghor. Ela participou em diferentes lugares das lutas contra o apartheid. Ela foi professora de Zezé Motta.

Lélia Gonzalez, Lélia Almeida Gonzalez, ela alimenta, fortalece, renova nossos propósitos, nossa formação, nosso equilíbrio, à medida que ela nos inspira nas mais direções em nossa vida, sendo mulheres negras.

Lélia é referência, é legado intelectual, é legado militante. É, sobretudo, uma inspiração de uma mulher negra que criou um jeito de pensar, uma especificidade, uma grandeza, uma força. Essa nossa força vem de nossa ancestralidade africana e indígena, porque nós temos orixás e inquices, voduns, caboclos, guias que nos acompanham, nos inspiram e nos fortalecem.



Josanira da Luz (Mediadora): Muito obrigada, professora, pela sua importantíssima reflexão de reafirmação da luta, né, e do pensamento de Lélia, né?

E nós, do Grupo de Mulheres Negras Mãe Andresa, né, o primeiro movimento de mulheres negras fundado no Brasil, e filiado à Articulação de Mulheres Negras Brasileiras, em 2015 nós tivemos no processo de articulação da “Marcha contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver”. E nesse percurso de construção da marcha, também nós fazíamos parte... eu era representante, juntamente com a Schuma, no Conselho Nacional das Mulheres e e vivenciamos todo o processo de impeachment, uma série de uma trajetória política que também foi um dos espaços que a Lélia esteve presente no Conselho.

Só pra reafirmar que nós tivemos o prazer de lançarmos aqui o pensamento, a primeira exposição de Lélia, né, que é o “Fe-

minismo Negro no Palco da História”, que aconteceu no mês de maio, na Casa do Maranhão. E durante esse ano, esses cinco anos, nós, do movimento de mulheres e todos os movimentos sociais, Sindoméstico, tantos outros que faziam parte do comitê da marcha no Maranhão, nós demos continuidade do pensamento de Lélia, levando para as escolas, para as universidades, para as comunidades quilombolas, através do documentário - que hoje está essa exposição no Centro de Referência da Mulher Negra, que fica localizada aqui no Centro, que todos estão convidados pra presenciar.

E dando continuidade, vou convidar agora nossa maravilhosa a segunda convidada pra fazer a sua fala, que é a Jane Ribeiro, que também que tá nesse processo aqui de construção – dialogando para nos fortalecer nessa caminhada aqui no Maranhão, em parceria com a Fundação e o Centro de Referência da Mulher Negra.



Jane Ribeiro: Boa noite. Eu também quero muito agradecer, né, por esse momento, por estar aqui, por ter sido convidada e por estar aqui entre os gigantes. E principalmente por ser Lélia, a homenageada hoje. Ela é uma das escritoras que faz parte do nosso letramento racial no BB Black Power. Essa questão de você estudar a história, né, desde o suposto fim da escravidão, toda essa conjuntura, né, que se deu ao país, até chegarmos aos dias atuais. Tudo isso explica as dificuldades que nós temos ainda, de enfrentar. Essas portas que a gente precisa ainda atravessar. E no Banco do Brasil não é diferente, o banco é um reflexo da sociedade.

Por mais que nós tenhamos, assim, muitos avanços, né, internamente, principalmente depois que a Tarciana se tornou presidenta do banco. Que é uma mulher que se reconhece negra, e uma mulher lésbica, né?

Então, ela trouxe um outro olhar, né, pras minorias e pros minorizados. Então, nesse contexto... que o BB Black Power, ele é anterior, a essa posse da presidenta, né? Já tem alguns anos

esse grupo, que começou, né, com alguns colegas que já eram militantes, - professores universitários e funcionários do Banco do Brasil - além de outros... que agregaram valor a formação desse grupo.

É um grupo auto-organizado. Hoje ele conta com 755 integrantes em todo o país. Temos colegas aqui do Maranhão e de todos os estados, que fazem parte desse grupo. E dentro desse grupo, nós temos subgrupos, com várias áreas de atuação, inclusive na questão da liderança feminina... assim, como mulheres na TI e de vários outros aspectos, que acabam surgindo quando a gente começa a discutir a questão do lugar do negro.

Com toda essa conjuntura que a gente vive hoje do BB Black Power, essa articulação, ter uma rede de apoio, na verdade, porque nós somos 755 funcionários que conversam diariamente sobre temas, e um contribui com a formação do outro, compartilha sua vivência; a gente acaba se apoiando muito em vários aspectos. Inclusive, quando surge alguma ocorrência em que algum colega se vê numa situação em que precisa que o outro colega ajude a fazer um texto pra ouvidoria; pra ouvidoria poder tratar a situação de racismo, por uma discriminação que ele sofreu numa concorrência pra uma vaga.

Então assim, qualquer dificuldade que a gente encontre é colocada no grupo e tem um encaminhamento, tem uma rede de apoio, tem alguém que é especialista em determinada área, que pode ir ali atuar e auxiliar o colega.

Assim, a gente não se sente só. E isso é muito importante: a gente ter essa consciência de que pode, sim, estabelecer essas conexões de apoio, de enfrentamento. E dentro dessa nossa vivência e nós temos várias outras áreas de atuação.

Ouvir todo mundo. Porque se você se dispõe a fazer uma cartilha que vai tratar da intolerância, não pode ter intolerância com ninguém. Então, a gente também tem um nicho que tá fazendo esse trabalho de ouvir, de entender como é que funcionam as outras religiões, para a partir daí elaborar essa cartilha. Então, quando você se dispõe a fazer esse tipo de ar-

ticulação, surgem inúmeras demandas e inúmeros ramos que você precisa atuar, né?

Então, quando a gente começa a tratar desses temas, a gente vê que tem muita coisa ainda pra fazer. E pra isso a gente precisa, primeiro, se informar. Ter esse entendimento de que a gente precisa buscar mais e mais conhecimento.

E nesse sentido, a Lélia auxilia muito, porque ela abrange não só a questão do entendimento, desse histórico, de porque chegamos aqui e como chegamos, mas também traça várias diretrizes de atuação.

E uma das diretrizes essenciais é essa questão do feminismo negro, porque as mulheres negras realmente têm necessidades peculiares. Porque desde cedo elas trabalham, cuidam de irmão ou cuidam do filho pequeno e, assim, são privadas do acesso à educação, e a gente precisa pensar formas de viabilizar esse acesso, pra que elas possam descobrir as habilidades através da educação.

E essa caminhada, ela só é possível se a gente fizer parcerias, se a gente fizer alianças com quem possa contribuir, com o que a gente precisa. E, assim, cada projeto, e aqui tem várias pessoas de projeto - sabe das suas necessidades, e aqui mesmo pode encontrar uma outra entidade que possa suprir essa necessidade.

Então, esse evento é riquíssimo não só pela questão de valorizar o legado da Lélia, mas também do que a gente pode construir a partir disso. Que a gente não tá aqui por acaso. A gente tá aqui porque lá no Banco do Brasil a gente pode atuar de certa forma, pode articular com outras empresas, aí chega aqui uma secretaria e: “olha, eu posso contribuir com tal coisa”, e daí a gente vai fazendo essa articulação pra que a gente possa viabilizar o que cada projeto aqui precisa.

Eu acho que a gente precisa muito dessa articulação. De aproveitar esse momento que estamos aqui pra viabilizar, né, essas parcerias que a gente precisa traçar a partir de então. Obrigada.



Josanira da Luz (Mediadora): Muito agradecida à Jane. Então, Jane traz essa interseccionalidade que é afirmada por Lélia. A importância de nós fazermos entre as redes, entre nós, essa grande articulação para se manter viva.

E aí vamos agora para nossa terceira convidada: Uma poderosa, que também durante os anos 80 contribuiu pra fundação do PT - Partido dos Trabalhadores. Também foi uma influência da nossa grande líder Lélia. Então, com você, Jurema Batista. Foi três vezes vereadora do Rio de Janeiro, deputada, que tem todo um legado pra dialogar com o pensamento de Lélia e inspirar novas gerações.



Jurema Batista: Gente, gente. Eu vi aquele filme-documentário, eu falando. Gente, mas passa um filme. Passa um filme na cabeça de como é que foi que eu convivi com Lélia Gonzalez.

Gente, eu, assim, cada dia mais, cada vez que eu venho a um evento que fala de Lélia, falo: “gente, essa mulher mexeu com a minha alma”, sabe?

Foi uma coisa, assim, impactante, que me fez virar uma outra pessoa. Porque a pessoa que conheceu Lélia era aquela pessoa que bebeu da falsa democracia racial.

Vou falar da história de Lélia e de como ela mudou minha vida.

Porque eu era uma estudante que bebeu da tal da democracia racial, e que eu achava que o negro não tava na universidade porque ele não queria, e como eu tinha boa vontade, eu tava lá. - “Ah, Jurema, você tem muita boa vontade”.

Eu morava numa favela que não tinha luz, e eu, quando fui presidente da Associação de Moradores, consegui colocar luz lá. Me lembro que um dia eu desci de madrugada, o morro era todo escuro, aí eu desci e dei boa noite/bom dia para um senhor... Quando eu voltei na comunidade, disseram assim: “e o seu fulano morreu. Ele morreu sentado na escada”. Aí eu falei: “Que hora que ele morreu?”. O pessoal: “acho que ele morreu umas 2:00, 3:00 da manhã”. Falei: “ué, eu passei 4:00 da ma-

nhã lá e dei bom dia pra ele”. Aí o pessoal falou: “mas ele te respondeu?”, falei: “não”. Tinha morrido. Tava morto. Mas era porque não tinha luz na comunidade. Aí o cara tava morto, eu passei e dei bom dia pra ele. E claro que ele não respondeu. Então assim, vendo uma situação de pauperização, né - pessoa não tinha, na época, segurança alimentar.

Minha mãe trabalhava e falava: “eu trabalho é pra dar de comer pra minha filha”. Então assim, eu já... recebia o pagamento, às vezes ela fazia conta na birosca, eu ia lá e tomava um monte de Coca-Cola. Quando ela chegava, tinha que pagar, pagava aquele monte de Coca-Cola que eu tomava, né?

E aí essa era a minha vida: muita pobreza. E aí conheci, na faculdade, a Lélia Gonzalez. Mudou tudo. A coisa de como referência importa, né?

Eu conheci lá na faculdade uma professora de grego. Eu adorava. E por que que eu adorava? Porque ela era uma mulher preta. Professora de grego e uma mulher preta. Eu me inspirei nela, falei: “vou fazer grego também”. Daí apareceu Lélia Gonzalez. Mandou o grego pra tonga da mironga, né.

E aí eu comecei, né? Como eu falei, eu segui Lélia, e foi, assim... que mudou tudo. Quando ela fez meu letramento racial - que agora é a moda, né - desmontou tudo aquilo que eu tinha na minha cabeça: de que o Brasil era pra todo mundo; que quem quisesse, conquistava; era só querer, né? E depois que eu vi Lélia, eu falei: “não é nada disso, não”. Tem uma lacuna, tem um vácuo, tem o racismo, que diz que: “até aqui você pode ir, porque aqui é lugar de negro”.

Caramba, isso é Lélia!. Aliás... não vou falar os detalhes. Se tinha uma pessoa dizendo um monte de besteira de nego, Lélia tinha verve e cunhava muitas frases, e todas entraram em mim, assim.

Ela falava assim: “esse nego aí é nego jabuticaba: é preto por fora, branco por dentro, e tem um caroço que ninguém engole”. O que que é o caroço? É o racismo. Então, a moça aí que tá fazendo um monte de coisa, dizendo que é de direita: não adianta, que a direita não gosta dela, não. Pode emagrecer 50

quilos, pode fazer não sei o quê, a direita não gosta de mulher preta. Não adianta.

E Lélia deixou isso, ela trouxe isso pro meu âmago. Não foi uma coisa de literatura. Conviver com Lélia foi além da literatura,. O modo de agir, o modo de pensar, o modo de falar, o modo de se vestir. Né?

Eu conto que eu parei de alisar meu cabelo e passei a usar trança nagô, e logo depois o black power. Sou uma das primeiras pessoas lá no Rio a usar o black power; porque a estética, como foi dito aqui, é muito importante. Eu queria assumir a questão racial e ia continuar usando peruca? É isso que eu falei, agora é moda. Tem lace. A Beyoncé, dizem que tem um quarto só de lace, mas é um outro momento histórico.

Naquele momento era um momento de reafirmação da minha identidade e da identidade do povo preto. Então, eu não podia querer me parecer o que eu não era. Naquele momento, usar o cabelo alisado era ir contra um projeto, uma proposta que companheira Lélia defendia.

E ela tinha um carinho muito específico comigo, daí ela meio que me orientava, né? Eu fazia faculdade, mas dentro da faculdade não se falava de questão racial. Falava de grego, né? Mas aí, então, ela ia me monitorando, me mentorando.

Na verdade, ela foi me fazendo uma mentoria extra faculdade e me formou. Tanto que eu sempre falo, esses cargos que eu obtive, que foram muitos - votação maravilhosa, 32 mil votos, duas vezes eu fui a mais votada do PT. Por quê? Eu tinha um discurso que as pessoas entendiam, principalmente a juventude preta naquela época. Que a gente fazia um trabalho junto com as comunidades de onde a gente veio, esse pessoal que fundou o Nzinga todo mundo sempre tava na minha campanha, e a gente falava... a gente não inventava a roda. E aí eu pensando aqui, falei: “porra, ela foi a principal”. Não foi à toa que a Angela Davis no encontro aqui com a gente no Brasil, falou: “eu não sei porque vocês tanto querem me ver falar. Vocês têm uma Lélia Gonzalez

aqui e fica querendo ir buscar nos Estados Unidos. Vocês têm Lélia Gonzalez”.

Nós temos Lélia Gonzalez, que é uma pessoa que dedicou a vida dela. O tempo, do ponto de vista cronológico, foi curto, mas o que eu tenho percebido agora é que principalmente... tão fazendo filme sobre Lélia. Vocês devem saber, né, lá em São Paulo. Já dei entrevista, eles tão coletando várias informações e o filme deve sair mês que vem.

O pessoal que faz mestrado, doutorado, me liga o tempo todo. Agora, invés de marcar, vem em casa. “Ah, tá, pode vir aqui em casa 3:00 que eu dou entrevista pra vocês”. Um monte de gente que tá fazendo mestrado, doutorado, querendo saber sobre Lélia, vão lá em casa. Então assim, de repente meio que tá uma explosão de necessidade de conhecimento de quem realmente é a intelectual que fala de negro no Brasil. E outra coisa que eu percebo, via meios de comunicação, é que graças a Deus gerou muito fruto. Eu acompanho várias pessoas, agora pouco mesmo passou uma pessoa aqui que eu acompanho que ela falou várias coisas sobre o que Lélia falava. Então assim, ninguém tá inventando a roda não, tá? Não chegou muita coisa nova depois do que Lélia falou há anos atrás, tá? Na verdade, o que tem sido reforçado é o que Lélia falou nesse tempo todo. E eu fico muito feliz de ter participado com ela dessa trajetória dela, e me sentir representada nos discursos que ela fazia e, principalmente, nas ações que ela tinha. Lélia, ela era uma pessoa bonita demais, todo mundo sabe, vaidosa. Ela era de ficar batendo papo com a gente comendo sardinha. A gente ia pro bar comer sardinha. A gente saía das reuniões de PCN, tomava pau da homarada lá, né, e aí depois a gente sentava no botequim e comia um monte de sardinha, sabe? Era dessas. Humana!

Porque você, pra fazer política e pra ser intelectual, você não precisa ser o separado. Ela era ao contrário: era o tal do junto e misturado. E nessa que eu fui ganha pro projeto, pra proposta dela. E aqui eu fico pensando...Falei: “gente, a gente tem muito ainda que fazer, né? Além de passar o bastão...”, mas não

vou passar agora não, tá? Que eu não vou morrer. Eu sou imorrível. Risos.

Agora até uma moça da direita aí usou minha frase. Falei: “ah, mas não foi pra isso, não. Não foi pra isso que eu falei”. Ela falou... ah, todos vocês sabem que eu tô falando da Jojo Todynho. É, é ela. Ela falou assim: “não sei o que, porque isso é democracia. Vocês sempre falaram o que vocês quiseram, agora eu vou falar o que eu quero, porque respeito é bom e a gente gosta”. Essa é uma frase que eu sempre usei. Quem me conhece, sabe. Falei: “agora vê, a mulher pegou minha frase”. Eu quero meus direitos autorais. A frase é minha. Eu que sempre usei. Claro que eu não registrei, né? Não faria isso agora.

Então, gente, eu tô, assim, muito feliz de tá aqui com vocês mais essa noite, né? Muito feliz, assim. E vocês tão falando e eu tô pensando: “gente, e agora? O que que a gente vai fazer? O que que a gente vai fazer?”. Né?

Então, além de tudo, eu faço bastante palestras no Rio de Janeiro, sempre o pessoal me convida, né - na Baixada, principalmente. Lélia tá forte na Baixada, na universidade, nas comunidades. Uma coisa que... isso foi dito aqui. Nem quando ela era viva a gente tinha isso. A gente tinha só entre nós, os vivos, mas agora que a “negadinha” - como ela dizia, né - foi pra faculdade, viu que o pretuguês não tá dando conta. Aí vão aonde? Vão na fonte. “Onde que eu posso buscar conhecimento que fala especificamente da história do povo negro no Brasil, e como mudar essa relação de forças que sempre nos coloca no lugar de negro?”. E aí tem que buscar a autora. Quem é a autora? Quem falou? Quem disse? Lélia. Né? E isso, pra gente, num momento inclusive de crise...

A gente tá vivendo uma crise humanitária, uma crise de projetos, uma crise de gente que esqueceu o que esse Brasil já foi enquanto país escravocrata, o que foi esse país pós ditadura militar, e agora as pessoas meio que tão passando uma borracha e querendo reinventar o Brasil que cabe todo mundo de novo? Tão voltando a tal da democracia racial? Cabe todo

mundo, não. Não cabe. No projeto deles não cabe todo mundo. Não cabe. No projeto deles vão caber alguns. Até para dar.. uma cara de que: “olha, eles também tão aqui conosco”.

Mas na verdade, na verdade, eles são contra as cotas, eles são contra ascensão de mulher preta, eles são contra os pretos no parlamento. Então, é disso que Lélia trata sabe? Tantos anos e tão atual. Tão atual, gente. Eu tava aqui quando começou ela começou a reprodução do vídeo. Eu fiquei até chorando, emocionada, falei: “gente, parece que ela tá aqui agora, discursando”. Né?

E quem sabe tá, né? Quem sabe tá aqui pra nos... não deixar cair, sabe, essa bandeira. Não deixar... porque às vezes a gente fica até com medo, né? Tipo assim, começou todo mundo a defender essa moça aí que falou que é de direita... eu vou falar aqui uma coisa, né? Não é ser de direita ou de esquerda. Só que tem um problema. A direita não gosta da gente. Vamos fazer o quê? A direita não gosta de pobre, não gosta de preto. A direita quer usar o pobre, quer usar o preto. E eu não tô aqui pra ser usada. Não tô. Eu, hein. Que isso? Eu sou discípula de Lélia Gonzalez, me respeitem. Me respeitem. Ah, não. Pelo amor de Deus. Ah, não. Não dá. De onde a gente andou, chegou aqui, não dá pra voltar. Não dá. Não tem como voltar.

Depois que a gente absorveu tudo isso que ela falou, não tem como voltar, gente. Eu não sei, talvez você que esteja aqui hoje, esteja ouvindo primeira vez falar dessa mulher, essa mulher é um fenômeno. Muito à frente do tempo dela, muito conectada com a humanidade, com o ser humano, sabe? Não sei quantas a gente vai fazer, mas talvez aqui dentro tenha muitos de pessoas que têm esse espírito de Lélia Gonzalez. Não vamos deixar morrer isso, não, gente. Né, gente? Né, mesa? Vamos deixar, não. Vamos partir pra cima.

Não vão destruir o legado que Lélia construiu a duras penas! Só Deus sabe porque ela partiu tão cedo. Só Deus sabe. A gente não tem o controle disso. Mas acho que ela poderia ter vivido mais. Mas Deus também que sabe, né? Mas assim, foi muita abnegação. As brigas... eu sei por mim. Por quê?

Depois que Lélia partiu, ela também eu vivi situações de... por exemplo, eu fazia defesa das cotas, eu tinha assessor que era contra. E batia boca comigo. Não. Eu tive situação de uma reeleição minha que um cara - do meu partido -, o cara falou assim: “ela só fala de negócio de preto. Esse navio negreiro dela vai afundar”. O cara falou isso. E hoje eu mostrei um áudio de um cara me chamando de crioula - também de esquerda. Aí eu falei: “ah, não, esse aí depois da eleição eu trato dele. Vou botar na Comissão de Ética”. E aí eu fiquei pensando: “gente, como é que pode?”. Sabe? Aí a pessoa discutia comigo e falava que era privilégio, que a gente tava querendo privilégio. Era meu assessor. Ganhava dinheiro no meu gabinete! E discutia comigo contra cotas! Só sossegou quando a Nilcéa Freire, lá da UERJ, defendeu as cotas e aplicou as cotas. Sabe? Então é isso, sabe? Se puderem, eles nos param. Se puderem, eles nos calam. E se puderem, eles nos matam.

Plateia: Resistência! Resistência!



Jurema Batista: Eles matam a nossa juventude negra com essa invasão, incursão policial sem pé nem cabeça. Quando vê, tá todo mundo morto, gente. É o povo preto que tá morrendo. É a juventude negra. Por quê? Tão no lugar de negro. Né? Tão lá na favela. “Favela não tem dono”. “Favela é sem lei”. “A lei não chega na favela”. Aí eles matam. Dizem que colocou droga lá nos garotos. Sabe? Ah, não dá pra parar, não. Ouvindo tudo que eu ouvi aqui hoje de novo, falei: “caramba, Jurema. Ó, dá um jeito, dá um jeito nesse teu joelho aí, entendeu? Vai lá no ortopedista, toma remédio, faz fisioterapia e vai à luta, que não dá pra parar nesse momento”. Não dá. Tá difícil. Tá difícil. Tá difícil, mas nunca foi fácil. Quando foi fácil pra nós? Quando? Nunca. Nunca foi fácil pra nós.

Então, companheirada, a gente vai seguir, sabe? A gente vai seguir. Eu mesmo disse: não é fácil. Não é fácil, mas não é impossível. Não é impossível a gente mudar a cara desse país,

conquistar as coisas que a gente precisa pra nossa população. Não é individual, não. E essa era a luta de Lélia. Lélia nunca fez... nunca Lélia teve um projeto individual. Sabe como é que eu tenho certeza disso? Se ela quisesse projeto individual, ela ficava lá dentro da universidade. Ela tava lá na PUC, ela tava lá, tava bem, devia ganhar um salário bacana de professora universitária. Por que que ela tinha que ir lá pro Morro do Andaraí atrás de Jurema Batista? Pra que que ela ia lá? Ainda levou a Zezé Motta pra inaugurar... cada dia eu lembro de uma coisa. Nós tínhamos, na minha casa, tinha um porãozinho. Aí eu falei... eu sempre fui ligada à educação, falei: "sabe o que eu vou fazer? Vou fazer uma biblioteca aqui pras pessoas da comunidade que quiserem usar". O negócio é assim, ó. Aí Lélia Gonzalez levou a Zezé Motta, Negócio de 2x2. Mas ela levou a Zezé e as duas foram lá inaugurar a biblioteca, lá no Morro da Andaraí. Entendeu? É disso que eu falo. Cadê as outras que vão fazer isso? Cadê? Cabe a nós fazer isso? Vamos fazer. Porque eu acredito em nós. Eu acredito que quem é descendente de quem conseguiu chegar aqui pós os tumbeiros - chamados assim porque as pessoas morriam, né, dentro dos navios negreiros, tumbeiros, e a gente é descendente desse povo que chegou dos tumbeiros. Agora, como diz a galera: "agora a gente não vai arregar, não, tá?". A gente não vai arregar. A gente vai continuar brigando, peitando essa direita, e até a esquerda também quando der mole pra gente e não quiser que a gente faz as coisas, chamar nosso navio de negreiro, e aí a gente vai conseguir, a partir daí, focado, então... exatamente isso, focado no pensamento de Lélia, desmembrar isso que ela tá dizendo e que ela tá fazendo. Assim, desmembrar tudo que Lélia fez e criar, sei lá. Eu fiquei pensando aí, a gente vai ter que, depois daí, criar grupos de estudos, sabe? Talvez a gente tenha que criar... já tem um monte de lugar, mas tá mais perto - no caso, nós, né - tá mais perto desses grupos de estudo pra animar as pessoas, porque é desanimador.

Quando o cara chega pra mim e diz que meu navio negreiro ia afundar, que eu só falava de preto, eu fiquei depressiva. Mas

aí: "levanta, crioula, Sai fora. Negócio de depressão não combina com você, não". Aí, pra começar essa coisa do "meu mandato ia virar navio negreiro", aí eu fui a mais votada do partido, e o candidato que ele trabalhava, perdeu. É assim. O universo também conspira contra nós, tá? Não é só a favor deles, não. Mas a gente tem que botar a cara.

E a gente tem uma pessoa a seguir, no sentido, né, de que ela já deu régua e compasso pra nós. É Lélia Gonzalez, gente. A gente tem que seguir todo o ensinamento que ela deu. A jabuticaba, o pretuguês, o lugar de negro, a negadinha, é tudo que ela falava, e que me impactou, e que me trouxe até aqui hoje pra falar com vocês, tá?

A gente tem história e a gente tem de onde partir. A gente não tá partindo do nada. Lélia quase partiu do nada. Ela só não partiu do nada porque ela buscou - inclusive, né, fora do Brasil - instrumentalização. E nós temos que buscar isso. Quem é que te inspira, sabe? Quem é que tá te inspirando pra você, sabe, dar um salto de qualidade, dar um salto de Rebeca Andrade? Quem é? Quem é que tá nos inspirando? Tem que ter inspirador. Eu tenho a minha. Na minha é Lélia Gonzalez. Eu espero que, principalmente, quem não a conhecia, a partir de hoje foque nela. Pro seu trabalho acadêmico, pro seu cotidiano... que nem todo mundo, às vezes, vai ser acadêmico, mas no seu cotidiano, no seu trabalho, na sua empresa. Foque nas diferenças raciais nesse país. Quem tem chance e quem não tem. Quem pode ocupar o lugar e quem não pode. Quem é o seu gerente, quem é o seu chefe, quem é que te coloca pra trabalhar depois do horário. Isso é tudo

Eu tô feliz, muito emocionada - pra variar, né? E tem gente aqui também que não conhece a minha história. Gente, então, aí eu fiquei tão militante que aí eu resolvi fazer o encontro do MNU. Eu fiquei responsável, porque eu era coordenadora.

E aí, na véspera, a gente não sabia o que fazer pra comer.

Minha filha Dandara é chefe de cozinha. Aí a gente resolveu fazer um arroz com bacalhau. E quem disse que o arroz com

bacalhau dava? Porque o negócio encheu tanto e a gente fez um negócio duma panela. Che Guevara falava isso, né? “Dizem que eu sou aventureiro, mas daqueles que põe a própria cara a tapa”. Eu também, assim, botei a cara a tapa. Teve gente que não tinha comida, foram comer lá fora, e assim aconteceu o nosso congresso, e foi maravilhoso. Um dos congressos do MNU que foi no Rio de Janeiro. Tem que ousar. Ficar parada porque não sabia que não ia dar pras pessoas comer. Tem que ter ousadia. E ousadia não é “metidez”.

Há pessoa que tem mania de dizer que crioulo, quando ascende, fica metido. Mas não é, não. É saber quem eu sou, quem você é, sabe? Que a gente tem uma história. São só 140 anos de abolição oficial. Isso, em história, é muito pouco. Por isso nós temos esse ranço racista ainda. Por isso nós ainda temos as marcas do racismo. Porque é muito pouco do ponto de vista histórico. Mas a gente tem feito virada. A gente tem conseguido. Mas ainda não é tudo. Mas eu sempre tenho uma coisa esperançosa. Eu conheci Lélia Gonzalez, entendeu? Então, eu tenho esperança de que a gente vai virar esse jogo. E outra coisa: eu vou tá aqui pra ver, tá? Boa noite.



Josanira da Luz (Mediadora): Valeu, essa fala potente e poderosa. Aí aproveitando também, eu gostaria de fazer o registro de uma grande referência aqui também, fundadora do Centro de Cultura Negra do Maranhão, que o enfrentou com seu cabelo black power, Silvia Black. Fundadora do Grupo de Mulheres Negras Mãe Andresa, Silvia Black. Quem está presente aqui do Grupo de Mulheres Negras Mãe Andresa, um grande axé, ao Centro de Cultura Negra do Maranhão e todos os movimentos negros aqui presentes, os estudantes, e mais uma vez reafirmar a nossa luta de povo negro, que só nós podemos mudar essa realidade, com esse pensamento, né, e com a referência de Lélia, né? Que ela viajou o mundo, então ela saiu do seu lugar, né, da mordomia, do privilégio, e foi na base, foi na África, viajou o mundo, viajou em todos os lugares onde nós, negros, estávamos violados do nosso direito, pra ver, ouvir e agir.

Essa é a mensagem que é deixada pra todos nós: que precisamos mudar a realidade do nosso país e distribuir essa riqueza, né, pra que o nosso bem viver seja garantido, como nossas mulheres estão falecendo, como a Anacleto e tantas outras, pela dor, pela violência. Porque não somos mortos pela bala, somos mortos pela violência, pelo feminicídio, pela violência do campo e emocionalmente, quando nos negam o direito de nós termos os nossos direitos. São violados cada dia e cada segundo, principalmente no acesso à terra, à água e à natureza, que é o direito e bem comum para todos.

E, nesse momento, a gente vai abrir o diálogo. Quem é o primeiro?

Luiz Carlos Guerreiro também foi um dos fundadores do Movimento Negro, do Centro de Cultura Negra do Maranhão, e também do Bloco Afro Abibimã. É cantor, tem toda uma história contra a luta, contra o racismo e o preconceito aqui no Maranhão.

Plateia (Luiz Carlos Guerreiro): Agô. Agô Lonan. Peço Agô aos mais velhos, peço a benção ao meus iguais e aos mais novos também. Estou bastante emocionado em estar aqui nessa noite, diante dessa plateia de formadores de opiniões, de pessoas, de mulheres negras, de homens negros, da juventude e, sobretudo, de ter essa grande entidade que eu considero no Brasil, ainda viva, essa grande pensadora do academicismo brasileiro, que é mãe Lourdinha Siqueira, que eu a conheci a primeira vez não foi aqui no Maranhão. Foi em Salvador, no Ilê Aiyê, que é meu bloco, primeira referência no Brasil. Eu sempre digo que eu comecei a fazer movimento negro na época do mimeógrafo a álcool, né? Na época mais difícil. Na época que Mundinha Araújo nos dava os textos de Lélia Gonzalez, os textos de Florestan Fernandes, de Joel Rufino dos Santos, pra gente ler, analisar e discutir. Naquela época, não tinha realmente projetos. A gente conseguia... eu era um negro todo almofadinha, funcionário da Companhia Moraes, e quem me incentivou a ir ao Centro de Cultura Negra do Maranhão pela

primeira vez foi a companheira Silvia Leite, que naquela época chamava Silvia Black, que era jogadora de handball.

E eu era estudante no Ginásio Costa Rodrigues. E Mundinha Araújo que nos convidou e foi a primeira reunião que eu fui no Laborarte, com a presença de Gilberto Gil. De lá pra cá, eu li um livro chamado “Negras Raízes”, né? E não saí mais. Também estive no seu gabinete, quando senhora era vereadora, né, no Rio de Janeiro, dona Jurema Batista. Estive lá na época do Enem, né? E foi também no seu gabinete que uma pessoa me deu uma colaboração pra eu pegar minha passagem de volta, pra voltar pro Maranhão, que eu fiquei por lá pesquisando sobre... minha família também morava lá no Rio de Janeiro, né, e eu estive naquele lugar. E eu a conheci, Lélia Gonzalez, no Rio. Conheci na época da formação da Conferência de Durban, né? E ela falava muito da questão que nós não somos negros afro-brasileiros, nós somos negros da América. E também que nós somos negros pan-africanistas. Eu queria que a senhora pudesse nos dizer, professora Lourdinha e a professora Jurema Batista, o que que a senhora poderia nos falar, pra esse grande público maranhense, o que que ela queria realmente dizer com essa questão pan-africanista e negro da América.

Josanira da Luz (Mediadora): Então, passando a palavra pra professora, e as demais...

Lourdinha Siqueira: Eu resumo o seguinte: Lélia foi uma pessoa que nos ajudou a descobrir quem nós somos, por nós mesmos. Quando ela fala de amefricanidade, né, quando ela fala o que ela chamou do pretuguês, quando ela fala das palavras populares, né, ela quer que nós sejamos nós. Porque a realidade que vem dos outros países, de outros continentes não nos corresponde.

Nós, brasileiros, temos uma história tão particular, Essa questão desse navio negreiro que nos trouxe, né?. Quando a gente fala em África, não existe uma África. São 57 ou 47?

Plateia: 54.



Lourdinha Siqueira: 54. São 54 países africanos. É essa gente toda que chega aqui nesse navio negreiro, e encontra aqui os originários da terra, que são os povos indígenas das mais diversas etnias. Então, o povo brasileiro é único no mundo. Não existe... na minha terra, uma parenta minha dizia assim: “não existe Codó como este. Não existe Brasil como este”.

E era isso que Lélia queria mostrar. Ela queria criar alguma coisa nossa. Nós, negros brasileiros; nós, mulheres negras brasileiras. Mulheres do Norte, mulheres do Sul, do Nordeste, do Sudeste. Nós somos diferenciados. E o fato de sermos negros e negras, mulheres negras, cria uma especificidade, uma diferença que não existe no mundo. Não existe uma mulher igual à mulher negra brasileira.

Nós fomos formados de não sei quantas culturas, de não sei quantas histórias, de não sei quantas civilizações, de não sei quantas etnias. Então, Lélia foi a pessoa que nos alertou para criar alguma coisa que nos pertença. Quando se fala de pertencimento, tá se falando de identidade, tá se falando de especificidade, tá se falando de uma abordagem única, que é o que nós somos.

Então, essa amefricanidade é realmente uma busca de uma metodologia de pesquisa que corresponde ao referencial teórico mais importante: partir da realidade de cada um, da realidade de onde cada um vive, juntando pobreza, racismo, dificuldade, desigualdade. Juntando tudo isso é o que dá a amefricanidade. Não sei, doutora, se é essa a história. Amefricanidade é essa reunião de tudo isso. De racismo, de desigualdade, de desrespeito, de tudo que corresponde ao que o racismo sintetiza.

Jurema Batista: A companheira aqui falou sobre a questão da faculdade, né, não tratar dos temas, da questão... historicamente da questão racial, e de também não ter literatura, não disponibilizar literatura que fale. Eles realmente têm essa questão de usar teóricos americanos, franceses - europeus, de preferência. Quando vocês dizem que tá... então, mas vocês tão reagindo. Quando vocês dizem que criaram um grupo, né,



de trabalho - acho que foi o que eu entendi - que tá estudando Angela Davis e Lélia Gonzalez, já tá dando o troco.

Já tá se preparando pra fazer... né? Depois de vocês, com certeza outros estudantes - que vão tá até no grupo com vocês - vai ter interesse de tá fazendo. Então, Como Luther King dizia: "você coloca o primeiro passo, e aí depois o resto vai acontecer", né? Então, é isso.

A outra questão que a companheira, minha amiga lá do Rio, falou é como fazer pra manter o legado de Lélia. É isso aqui que a gente tá fazendo. É isso aqui, mais de levar pras comunidades, levar pra associação de moradores, levar pra igreja, levar pro seu templo espiritual do candomblé, levar pra todo lugar. Esse nome não pode morrer. Não pode fazer um apagão histórico. Mas, graças a Deus, como eu falei pra vocês, isso não está acontecendo. Vai ter um filme que vai sair da Lélia ano que vem, sabe? Eu dou um monte de entrevistas pra pessoa que tá terminando mestrado, doutorado, sabe? Todo mês eu faço várias entrevistas, né? Então, é isso que vai fazer com que esse legado não morra.

O Rio de Janeiro foi o primeiro a ter o feriado de 20 de novembro, foi do Edson Santos, vereador do PT. Depois a Cida Diogo fez estadual, e aí... São Paulo, por exemplo, não tinha, aí foram fazendo, até que agora o Lula baixou agora nacional. Agora, 20 de novembro as empresas, os empresários podem gritar, não tem jeito. 20 de novembro agora é feriado nacional. E começou como? Começou com a gente, né? Com a militância fazendo eventos no 20 de novembro e não participando dos eventos cívicos do 13 de maio. Porque essa não é a data que nos representa, politicamente falando. Então, é isso. É começar. É ir fazendo. É botar o tal do pé, né? E aí a gente bota o pé, né, e Deus, pra quem acredita, Ele coloca o chão. Tá bom, gente? Vamos lá. Desanima, não.

Jane Ribeiro: Ah, a gente precisa sair daqui com um compromisso, né? Respondendo também a tua pergunta. De, por



exemplo, eu, o que que eu posso fazer, né, pra não deixar essa memória da Lélia Gonzalez morrer?

Eu tenho dois filhos. Eu começo em casa, né, fazendo letramento racial deles. E no sindicato nós temos uma biblioteca, que a gente pode recheiar de livros da Lélia Gonzalez. E no meu ambiente de trabalho eu posso disseminar isso, conversando com meus colegas, na minha família, com irmão, com mãe. Sabe?

A gente precisa, realmente, exercer esse nosso protagonismo de levar o legado da Lélia em todos os lugares, em todos os ambientes, né, que a gente frequenta, que a gente vivencia e compartilha. E assim, falando do ambiente da faculdade, mas assim, quando a gente planta essa semente com as crianças, é impressionante. Eu lembro que eu comprei um livro, uma vez, que o meu filho gostou porque era pequenininho, né? Amarelo, que é aquele "Manual Antirracista", né, da... aí ele leva pra escola. Ele gostou tanto. Ele folheia, ele lê com os colegas. Então assim, a gente começa plantando essas sementes.



Lourdinha Siqueira: Dentre as minhas considerações finais, eu quero agradecer e parabenizar a coordenadora da minha mesa. É uma mulher que eu sempre respeitei, admirei pela competência, pela militância, pela perseverança. É uma mulher de fé, de uma fé militante. Eu te parabeno, te agradeço. Quero agradecer... eu queria fazer um agradecimento muito especial. Eu já fiz à minha vereadora, deputada, militante, Jurema. Eu quero também fazer um agradecimento especial à Schuma pela dedicação sua nesse trabalho de mulheres negras. Eu acho... o filho de Lélia disse uma coisa muito bonita. Ele disse: "nós temos que estar juntos". Ele disse: "temos que estar juntos". E o que a Jurema disse ainda há pouco, que vale pra eleição, vale pra tudo. Temos que estar juntos com aqueles que acreditam nos nossos princípios. O problema é gente que acredita nos nossos princípios. Não adianta querer ir por outro caminho, porque não tem outro caminho. O caminho é quem acredita naquilo que nós acreditamos que é bom para

nós. E aí a gente afunila: para nós quem? Nós, negros. Mulheres negras, principalmente - que é considerada, assim, na escala, né, a última categoria. Então, temos que acreditar em quem acredita nos nossos princípios e quem trabalha pelos nossos princípios. Isso é fundamental. Quem trabalha, por exemplo, a continuidade do trabalho de Lélia, a continuidade das ideias de Lélia, a continuidade dos princípios de Lélia.

É esse respeito à dignidade do ser humano - mulher negra, principalmente. Tudo começa por aí. Esse respeito a nós, enquanto mulheres negras, enquanto seres humanos negros. Esse respeito é o que nós merecemos e é o que nós precisamos.

Não tem outro caminho. Não tem outro caminho a não ser esse do respeito à nossa dignidade. E é isso que é... você que falou da universidade. Isso que é descolonização e decolonialidade. Começa por Lélia, por menina... menina. A dos Estados Unidos. Angela Davis, passando por todo mundo que trabalha com seriedade. Essa seriedade é necessária. Eu tô vendo aqui na minha frente Isabel, a nossa diretora do Sindicato das Domésticas, das trabalhadoras domésticas. Tudo isso... Respeito à dignidade é fundamental. E agradeço a todos os presentes, agradeço a todos os promotores, coordenadores, organizadores, e à minha coordenadora da minha mesa.



Jane Ribeiro: Sim, é um papo reto. Vamos buscar alianças, trocar telefone e ver o que que a gente pode articular em conjunto, viu?



Jurema Batista: Bom, a minha fala final vai ser uma música, tá? Espero que todos cantem comigo. Rapidinho, tá? “Um sorriso negro. Um abraço negro. Traz felicidade. Negro sem emprego, fica sem sossego. Oi, simbora, negro. Negro é a raiz da liberdade. Um sorriso negro. Um sorriso negro. Um abraço negro”. Bate palma. “Traz felicidade. Negro sem emprego, fica sem sossego. Negro é a raiz da liberdade. Negro é uma cor de

respeito. Negro é inspiração. Negro é silêncio, é a luz. Negro é a solidão. Negro que já foi escravo. Conhece a voz da verdade. Negro é carinho e amor. Negro também é saudade. Um sorriso negro. Um sorriso negro. Oi, simbora, negro. Negro, negro, negro. Traz felicidade. Negro sem emprego, fica sem sossego. Negro é a raiz da liberdade. Negro é a raiz da liberdade”. Em homenagem à Lélia Gonzalez, que era uma pessoa feliz, que vivia sorrindo. Lélia sorria. Então, em homenagem à Lélia, eu cantei essa música. Um sorriso negro traz felicidade. Bora lá.



Josanira da Luz (Mediadora): Muito agradecida. Foi excelente, né, essa exposição, principalmente encerrar com essa música. A alegria que é a vida. O que impulsiona e que nos mantém vivo é a nossa cultura e a nossa vontade de viver. Então, parabéns a todas. E também estamos impulsionadas a continuarmos nessa caminhada de mãos dadas. Muito obrigada.



Brenda Maria (Mestra de cerimônia): Agradecemos imensamente a todas as palestrantes por suas contribuições excepcionais, e à nossa mediadora Josanira da Luz. Amanhã teremos o segundo dia de nosso seminário. Participem, gente.

2º DIA – 18-SETEMBRO-2024

SEMINÁRIO

“Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas”

São Luís, MA

Convidada

Carolina Rocha



Conhecida também como Dandara Suburbana (nome artístico/redes sociais). Uma mulher preta, de Xangô, escritora, ativista e historiadora. Pós-doutoranda em educação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutora em sociologia pelo IESP/UERJ. Mestre e graduada em história pela UFF. Proprietária da empresa Ataré Palavra Terapia, que oferta diversos cursos, oficinas e treinamentos focados em escrita criativa e literatura negra. Realiza ainda palestras por todo Brasil dialogando sobre autorias negras, memória, ancestralidade, escrita e espiritualidade de matriz africana.

Mediadora

Anicia Ewerton



Psicanalista, mestranda da Universidade Federal Fluminense e participante do Grupo de Estudo Femininos Negro “Marielle Franco”.

Convidada

Valdenia Menegon



Doutora em História, Gestora Escolar na Unidade Regional de Educação de Caxias da Secretaria de Estado da Educação do Maranhão e integrante do grupo Mulheres Negras Decidem.

Convidada

Jaqueline Perroud



Funcionária do Banco do Brasil há 13 anos, participante do grupo BBBLACK Power, pós em gestão de políticas públicas em Gênero e Raça.

PAINEL II

O Pensamento Decolonial de Lélia Gonzalez e sua contribuição para a Educação

FALAS DE ABERTURA



Brenda Maria (Mestra de cerimônia): Boa Noite. Espero que todas e todos tenham apreciado este documentário tanto quanto eu. É uma verdadeira honra e um momento de profunda reflexão que este momento nos permite. E aprendermos um pouco mais sobre a vida e o legado da nossa homenageada é, sem dúvidas, uma experiência única. Que possamos levar adiante os ensinamentos e a inspiração que vimos hoje. Continuemos a honrar e a celebrar a memória de Lélia Gonzalez em nossas ações cotidianas, lutando por um mundo mais justo e mais igualitário. E, principalmente, nós, mulheres negras, que não nos falte força e coragem para lutar. Viva Lélia Gonzalez.

Agora, neste momento, o “Projeto Memória” gostaria de expressar o seu respeito e profunda admiração a uma grande matriarca e ativista que ontem nos deixou, dona Anacleta Pires. Dona Anacleta se fez vento, terra, rio, mar. Ontem, 17 de setembro, ela se integrou à natureza que, em vida, tanto defendeu. Ancestralizou-se, como quem retorna ao sagrado da Mãe Terra.

Foi guerreira, aguerrida, protetora de seu povo e de seu chão. Lutou pela vida dos territórios, mas principalmente do seu território, Santa Rosa dos Pretos, onde enfrentou o progresso exploratório que destrói aldeias, homens, crianças e mulheres quilombolas deste chão, deste Maranhão.



Com o sangue de África correndo em suas veias, defendeu incansavelmente os povos da terra. Partiu, sim, deste plano, mas deixou raízes profundas, sementes de continuidade que florescem em cada quilombo, aldeia e território tradicional desse chão.

Que sua luta nunca seja esquecida!

Essa iniciativa é uma realização da Associação Amigos do Cinema e da Cultura, em parceria com a Fundação Banco do Brasil. Antes de iniciarmos os diálogos, queremos agradecer a Secretaria de Educação do Governo do Estado do Maranhão, a Fundação da Memória Republicana Brasileira, a Fundação Banco do Brasil, e o Governo Federal do Brasil: União e Reconstrução, pelo valioso apoio ao “Projeto Memória”.

Convidamos agora, para uma breve fala, o filho de Lélia Gonzalez, o senhor Rubens Rufino.

Rubens Rufino: Boa noite, gente!

Plateia: Boa noite.

Rubens Rufino: Ai, caramba, é sempre emocionante tá aqui. Depois de ouvir essa homenagem à Anacleta, e coisa e tal, Trocando ideias. Sobre Lélia, eu não tenho cabedal pra falar da Lélia militante, ativista, cientista social.

Eu falo da Lélia de Almeida, Lélia mãe. E ela tinha uma coisa muito interessante, né, e eu presenciei isso, que era a capacidade de contaminar as pessoas. Como a gente vê aqui nesse documentário que foi passado, que as pessoas se inspiraram nela pra tocar a luta contra o racismo, contra o sexismo, em busca de uma sociedade justa e igualitária. Mas tem uma coisa muito interessante.

Eu, quando adolescente, os meus amigos frequentavam minha casa, né, e eu convivi num meio um pouco mais branco por

conta da ascensão social da minha mãe. Eu estudava em colégio particular, essas coisas. Mas uma coisa que me chamava a atenção: Os meus amigos adoravam a minha mãe - tanto os homens quanto as mulheres. E ela serviu... essa contaminação, que eu falo, é que muitas das meninas se tornaram feministas, em busca da igualdade para as mulheres. Outros, se tornaram não machistas. Tem amigos que falam pra mim: “agradeço à sua mãe por eu não ser um machista hoje, pelo que ela falava, pelo que ela passava pra gente”. E também ter a consciência da branquitude pra lutar contra o racismo. Isso aí é uma coisa interessante, porque, assim, ela tinha uma coisa - que é até em cima do pretuguês.

Ela falava com todos os públicos. Eu sou testemunha. A gente descia onde nós morávamos, no Cosme Velho. A gente ia pro Bloco Carnavalesco de Guararapes. Ela sentava lá e dava o recado dela, conversava com todo mundo - lógico, regado com uma boa cerveja, mas o negócio saía. E também eu já a vi dando aula, e já a vi participando de palestras de somente intelectuais, e a mensagem que ela passava era compreendida por todas as pessoas. Isso é muito interessante, né? Porque ela contornava todo o discurso e mandava o recado dela. Ela tinha essa força dentro dela, de lutar pelo povo negro, em busca de uma sociedade mais igualitária e justa, né?

Então, Lélia, Lélia de Almeida, foi essa pessoa que me encantou como filho, como ser humano, me ensinou muito, e teve a oportunidade de falar no dia a dia dela. Que militância, quando se fala, qualquer tipo de militância que a gente faça é no dia a dia. Você não precisa ser um ativista e participar de reuniões. Você tem que ir na sala de aula, no trabalho, dentro de casa, no ônibus, no metrô, em qualquer lugar que você esteja, tá buscando essa sociedade justa e igualitária. E ela me ensinou isso e passou isso pra outras pessoas, e isso é muito legal. Aí tá o momento em que eu me sinto muito orgulhoso de ser filho dela.

E tô muito orgulhoso de participar desse evento. Agradeço à Fundação Banco do Brasil, à Associação de Amigos do Cinema

e da Cultura, porque a gente tá conseguindo fazer, trilhar o caminho de Lélia no Brasil, né? A gente tá percorrendo as cinco regiões do país, e agora o objetivo é partir pra fora. Mas isso é muito legal, porque confirma o legado. A gente finca pé, principalmente pra mostrar que a população negra, o povo negro, é protagonista da história desse país. Valeu, gente!

Brenda Maria (Mestra de cerimônia): Convidamos, neste momento, a representante da Associação Amigos do Cinema e da Cultura, senhora Dulci Miranda, para uma breve fala.

FALAS INSTITUCIONAIS



Dulce Miranda: Boa noite, amigos e amigas. Eu tô aqui representando um grupo de amigos. Amigos, a Associação Amigos do Cinema e da Cultura, que acredita em projetos como esse que está sendo desenvolvido aqui, né, no Brasil. E é uma honra. A gente fica com uma energia... tudo arrepiado, né, com essa energia que São Luís trouxe e traz pra esse projeto, pra esse momento. Ontem foi um momento muito especial, né? Uma comemoração. E o que representa esse trabalho da Lélia é algo muito importante pro país, pra que a gente, pra que a mulher negra, pra que as pessoas, enfim, pra que a gente possa melhorar a situação cada vez mais, né? Pra que a gente possa... é possível mesmo a gente ocupar esse espaço na universidade, enfim. Lélia intelectual como alguém raro. Então, a mensagem é só de agradecimento por esse momento, né? E ontem... eu estou em São Luís pela primeira vez, mas é como se eu... uma sensação tão interessante, que é como se eu já tivesse tido aqui há um tempo. E eu recebi uma foto de um eclipse e umas nuvens ao redor, no formato de uma mulher negra. E aí, pra concluir, eu queria que... eu vou tentar cantar rapidinho uma música que eu aprendi há muito tempo, que é um agradecimento, né, à lua, ao... enfim, à toda essa presença da África no nosso país. Muito obrigada.



Brenda Maria (Mestra de cerimônia): Neste momento, iremos ouvir a palavra do senhor presidente da Fundação Banco do Brasil, Kleyton Moraes.



Kleyton Moraes: Boa noite. Boa noite a todos e a todas. É sempre muito bom retornar ao Maranhão. Maranhão, que hoje eu falava um pouco com meus companheiros e companheiras. Já mirei de um dia vir morar nessas terras, né? Então, como diz a música dessa terra, né, do tambor de crioula: “Maranhão sou eu. Maranhão sou eu”.

Então, com isso, saudar cada uma das companheiras, dos companheiros, que vêm aqui prestigiar, fortalecer, né, e se inspirar também com as contribuições dessa gigante que é Lélia Gonzalez, do Orum, e daqui inspirando-nos a todos e a todas.

Queria partir construindo uma fala. A Fundação Banco do Brasil, parte da comunicação, sempre nos inspira com os briefings prévios, né, pra que a gente possa tá orientando as nossas falas. Lógico que ele me alimenta, mas me nutre também o desafio de dialogar com as pessoas presentes e com o momento presente. Então, eu vou, como sempre, de passagem, fazer uma fala breve, mas que retrata também, que se inspira nessa poesia desse momento, né? Então, partindo aqui desse lugar, né, que é a Fundação Memória Republicana Brasileira, sem polêmicas e celeumas, mas partir de um terreno que eu acho que é o terreno que a Lélia, né, essa criadora de casos, né, nos inspira e deverá permanecer peremptoriamente, criando e ensejando na gente essa cultura, esse hábito, né, de criar casos.

A ministra Macaé Evaristo, eu acho que ela parte de uma reflexão, e aí desse lugar também da Memória Republicana Brasileira, dizer que a presença dos pretos e das pretas, né, no espaço da construção diretiva e de poder da República não declinará. É daqui pra frente. Então, o reposicionamento em termos de ocupação das instâncias políticas no Brasil pela ministra dos Direitos Humanos e Cidadania, Macaé Evaristo,

acho que demarca isso e é o comentário que a partir do qual eu gostaria de estar estruturando a minha fala.

A ministra faz uma referência importante, fundamental, né, de que pra população da diáspora, pra nós, pretos e pretas, é fundamental o reencontro da nossa memória, né? O processo de criação que, como diz Lélia: “a gente não nasce preto, a gente torna-se”. Adquirindo essa conquista que, nas palavras dela, “duríssima conquista”, mas que vai demarcando, inclusive, o nosso espaço de presença de estranhamento das nossas ausências ou das tentativas de silenciamento que historicamente, né, o processo brasileiro, enfim, nos impõe.

Então, acho que é esse território que a Fundação Banco do Brasil tão bem acertou, de dar a contribuição a partir da estruturação do pensamento, da memória e da cultura, né, dessas pessoas que são fundamentais pra esse terreno que a gente constrói, chamado Brasil. Então, nesse sentido, o “Projeto Memória”, ao reaquecer, ao trazer as provocações de Lélia Gonzalez, acho que vai nessa construção, da mesma maneira que a Fundação Banco do Brasil estreita os laços nesse momento com a Fundação Cultural Palmares, também nesse território de produção, de cultura dessa memória, pra que a gente, cada vez mais, vá avançando do ponto de vista desse processo de reparação histórica.

O Lobby do Batom, fundamental pra tá colocando no espaço da Constituição Brasileira os aspectos relacionados à discussão de gênero, né? De que esses corpos precisam e têm de direito ser livre e estar em todos os momentos, em qualquer lugar, em todas e quaisquer pautas.

Então, é nesse sentido que a Fundação Banco do Brasil, né, sente muito orgulho e tem muito compromisso também. A matéria nos pesa Rubens, no sentido de que nós não podemos errar, né? No sentido de que as pautas precisam ser cada vez mais aprofundadas, e de que esse respeito e essa construção com o povo da diáspora é fundamental pra que a gente faça, de fato, um Brasil justo, fraterno. Um Brasil que possibilite,

por meio da diversidade, celebrar a nossa humanidade. Então, obrigado. Vida longa à Lélia Gonzalez. Vida longa às memórias do povo da diáspora.



Brenda Maria (Mestra de cerimônia): Nós gostaríamos de agradecer a presença dos alunos da escola CE Antônio Ribeiro da Silva. É uma escola do EJA - Educação de Jovens e Adultos, e a gente fica muito feliz pela presença de vocês aqui.

Bom, agora nós daremos início ao nosso segundo painel, “O Pensamento Decolonial de Lélia Gonzalez e Sua Contribuição Para a Educação”.

FALAS DO SEMINÁRIO



Anicia Ewerton (Mediadora): Boa noite. Que maravilha que vocês vieram. Obrigada por aceitarem o convite de estarem aqui conosco esta noite. Inicialmente, eu quero agradecer à Schuma pelo convite para participar deste evento, que faz essa homenagem a essa grande pensadora que foi a Lélia Gonzalez, deixando o seu pensamento cada vez mais vivo. Minha função hoje é de mediadora e, com isso, procuro fazer com que a palavra circule hoje neste auditório. A palavra, inicialmente, vai circular entre as palestrantes e depois circular com todos nós que estamos aqui neste ambiente.

Mas antes de passar a palavra às nossas convidadas, eu quero falar um pouco do meu encontro com a Lélia Gonzalez. O meu encontro com a Lélia Gonzalez, ele só acontece depois da implantação, da ampliação das políticas sociais, principalmente a partir das cotas, né, de 2012.

Bom, com a implantação dessas políticas, o que surge no Brasil são vários grupos e coletivos que se debruçam a estudar o pensamento de autores negros. Não foi diferente dentro da psicanálise, que é a minha área de atuação. Até aquele momento, não tinha contato com nenhum pensador negro, né,

nessa área. Isto é o Brasil. Mas, diante disso, surgiu o grupo, o primeiro grupo que eu participo, que é o Grupo de Estudos Psicanálise e Questões Raciais. E foi ali que, em reunião com os participantes, selecionamos, entre os textos, o texto da Lélia Gonzalez, “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”.

Cada palavra, cada parágrafo da Lélia era um reencontro comigo, um reencontro como mulher negra. Ali eu vi, né, naquele pensamento da Lélia, que hoje vive, como ela coloca qual é a nossa posição que nos deram nesta sociedade. Então, foi um momento de um contato muito profícuo com os meus colegas, discussões riquíssimas em cima de cada parágrafo. Foi uma leitura lenta, sem pressa.

Fomos mastigando cada palavra, cada parágrafo, cada folha. Não tínhamos pressa. Afinal, o texto da Lélia é um texto que tocava a todos. Depois desse encontro, né, depois desse grupo, ainda participando desse grupo, participo do grupo que hoje eu estou, aqui, que é o Grupo de Estudos Feminismo Negro Marielle Franco e, mais uma vez, revisito o texto da Lélia - e o mesmo texto, “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”. E, mais uma vez, tocada com cada palavra.

Nesses reencontros com esse texto, o que eu trago pra cá um pouco é como a Lélia, ela foi muito perspicaz em suas formulações e quando ela nos fala do sintoma brasileiro, que é o sintoma do racismo e sexismo.

É um texto da década de 80, mas é um texto vivo, é um texto contemporâneo. É um texto que não perde a sua validade. A Lélia, ela teve esse percurso pela psicanálise, assim como a minha formação na psicanálise. Mas também sabemos que tivemos outros pensadores negros que fizeram esse percurso, como a Virgínia Bicudo, a Neusa Souza Santos. Então, é desse lugar que eu procuro mediar esse diálogo hoje. E é um diálogo que eu, mais uma vez, desde ontem, estou emocionada.

Para dar início ao nosso painel que tem como tema “O Pensamento Decolonial da Lélia Gonzalez e Sua Contribuição Para Educação”, Qual é a importância desse pensamento da Lélia

Gonzalez pro processo de educação neste país? Uma educação que vai desde o ensino básico até a universidade. Pra isso, eu vou passar a palavra para a primeira palestrante, a doutora Carolina.



Carolina Rocha: “Racismo no Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença, porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um.

Conheço um que é médico, educadíssimo. Umas feições tão finas. Nem parece preto”, Lélia Gonzalez. Começando com esse jeito irreverente da Lélia, né, essa linguagem irreverente, essa maneira de comunicação que eu acho que a gente ainda tem que aprender muito com ela, pra saudar a possibilidade de estar aqui, saudar o convite, e aí agradecer ao “Projeto Memória”, com todas as pessoas que ele envolve - que não são poucas. Então, agradecer por terem idealizado esse projeto, desenvolvido, né? Por esse projeto estar acontecendo, porque é muito importante.

Eu tô muito feliz de retornar a São Luís. É uma terra muito importante na minha vida, na minha trajetória, nas minhas pesquisas. Eu começo a fazer pesquisas acadêmicas, e aí também pela educação, aqui no Maranhão, a partir de narrativas femininas, existências pretas e indígenas desse território que é o Maranhão, né?

Eu vou pesquisar Maranhão, Piauí e Pará. E eu moro no Maranhão pra fazer essas pesquisas durante um tempo, bebendo nos arquivos públicos dessa cidade, né, que tem mulheres pretas incríveis organizando e articulando, professoras maravilhosas. Então, eu quero muito agradecer por estar de volta.

Dizer que... eu disse isso há alguns anos atrás, lá na Bahia, em Salvador, junto com Silvia Federici, quando a gente tava fazendo um debate sobre o “Calibã e a Bruxa”. -minha pesquisa é sobre bruxas pretas, mulheres pretas processadas por feiti-

çaria e bruxaria no Brasil, - que são as nossas grandes lideranças políticas as mulheres que articulam intelectualidade, pensamento, etnobotânica, medicina tradicional ancestral, e que foram e tiveram seus corpos, né, atravessados pela violência.

E essas mulheres, em grande maioria, gente, são dessa terra aqui. É o Maranhão que produz toda a sorte de mulher preta e indígena subversiva, e que ousou desafiar a igreja católica e a colonialidade.

A gente tá falando de século 17, 18, que essas mulheres tavam se levantando aqui nessa terra. Pretas e indígenas, inclusive juntas, muitas vezes - que eu acho que é coisas que a gente estuda pouco ainda, né? Então, muito feliz.

Essa terra me emociona, me atravessa, e eu sempre digo que a revolução será feminina, preta e nordestina, a partir desse lugar que é o Maranhão, e também o Piauí. Desculpa aí esse início grande, mas eu precisava celebrar essa terra e a possibilidade de tá aqui.. Bom, saudar também todas as pessoas que pesquisaram Lélia Gonzalez, deixam um legado pra gente de reflexões, né? Já foi falado ontem, mas Flávia Rios, Márcia Lima, Alex Ratts, enfim... Melina de Lima, né, que também apareceu no vídeo, enfim, tem contribuições super importantes e também bebo aí nessas fontes, né?

E o lixo vai falar. “O lixo vai falar, e numa boa”, né, como diria a dona Lélia. Eu vi no dia 20 de novembro do ano passado uma reflexão de Rosane Borges falando dessa frase de Lélia: “o lixo vai falar, e numa boa”. E não é que a gente seja lixo, mas é porque a gente é colocado nesse lugar, né? Lugar que reiteradamente a gente nega, pra defender o protagonismo das nossas narrativas e existências, né? Quando a gente tá falando da construção de saberes e conhecimentos, né, que não passam por essa ortodoxia cristã, católica, a gente tá falando de um tipo de conhecimento que vem da experiência e da prática.

Falando de educação, eu queria aqui elencar alguns pilares que eu considero importantes, né? O chão da escola, que já foi falado aqui - e Lélia Gonzalez passou pelo chão da escola. Foi

professora da escola básica antes de ser professora universitária. Isso é muito importante, né? O ativismo do movimento negro, como Nilma Lino Gomes felizmente definiu, “O Movimento Negro Educador”.

Eu não conheci Lélia Gonzalez na faculdade. Apesar de já estar quase sendo aí uma pós-doutora em termos de títulos, de ter entrado na faculdade com 18 anos de idade, eu não li literatura negra na universidade. Eu li Lélia Gonzalez a partir do movimento negro educador. Tudo devemos ao movimento negro.

O movimento negro profundamente estereotipado, estigmatizado na nossa sociedade - a dizer, um dos mais pacíficos, o brasileiro, do mundo. Só fecha parêntese, e aí a gente brinca: talvez seja esse o nosso problema. Ou não. Mas profundamente estigmatizado num lugar de baderna, num lugar de a gente ser aquele que arruma problema, né? Os criadores de caso. Somos todos que participamos ativamente - porque ser ativista é isso, é estar participando ativamente da construção política desse país e ter consciência disso. Nós estamos aí fazendo política no cotidiano, na intimidade, desde o preço da cesta básica, que disputamos enquanto mulheres negras chefas da família da sociedade brasileira, até nas nossas articulações internacionais.

Isso é fazer. Fazemos política o tempo todo. Mas nós temos aí esse estereótipo com o movimento negro, um movimento negro que produz muita intelectualidade.

Então, Lélia é a militante, sim, e também a intelectual, e também a mãe, e também um monte de outras coisas - a escritora, a mulher, enfim. Nós temos aí múltiplos caminhos e processos.

Eu conheci Lélia Gonzalez através do movimento negro, através de mulheres negras, que formam intelectualmente as nossas pessoas negras nesse país, né? Então, a gente fala do chão da escola, do movimento negro educador, da universidade - sim, porque estamos disputando esse espaço -, e eu queria trazer aqui um outro pilar, que é o terreiro, as espiritualida-

des, religiosidades de matriz africana, também evocadas por Lélia, né? Não só de matriz africana, mas de matriz indígena também, né? Amefricanas, né? E aí temos codó, jurema, tambor de mina, pajelança, cura, candomblé, umbanda, enfim... batuque.

O português é uma língua binária, gente. Uma língua que reproduz uma série de estereótipos, assim. E a Lélia tava lá, o movimento negro, fazendo essa denúncia da língua portuguesa como um apagamento das nossas memórias afro-indígenas, né? Das nossas “amefricanidades”, pra falar aí o conceito de Lélia. E Lélia foi dizer o seguinte: “tá bom, a língua portuguesa é uma língua colonial, em outros lugares as pessoas mantiveram, né, as suas línguas e, ainda assim... assumiram a do colonizador, mas mantiveram as suas. Só que ó, negadinha, tem uma parada, entendeu? Essa língua portuguesa que a gente fala aqui não é portuguesa. É pretuguesa”.

E aí é que tá a encruzilhada, porque é a língua do colonizador, mas ela é profundamente atravessada pela nossa cultura, as nossas tradições, experiências e vivências. Nós temos mais de 2.500 palavras bantu na língua dita portuguesa. Alguém poderia falar uma palavra que a gente tem africana na língua portuguesa? Mais alto, gente, por favor.

Plateia: Dengo.



Carolina Rocha: Dengo. A gente tem muitas palavras, né? E aí teve uma que me chamou a atenção em “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”, que a Lélia Gonzalez vai dizer que uma palavra que a gente fala todo dia, que é bunda, bunda vem do quimbundo, que vem do ambundo, de um tronco linguístico que casualmente se chama como bunda, segundo Lélia Gonzalez.

E aí eu me lembrei sabe de quem? De um homem chamado Alfredo Fumaça, meu pai. Meu pai, que não frequentou a insti-

tuição escola, mas foi formado pela escola de samba. Não é à toa que tem o nome de escola de samba. E aí eu sou carioca, eu vou defender a escola de samba aqui. Lá da escola de samba, que foi formado, que foi uma pessoa em situação de rua, não teve acesso à instituição escola, mas que virava pra gente e falava assim... quando tinha qualquer situação de racismo, meu pai, que também foi do MNU, também foi um ativista, falava o seguinte: “aonde eles não põem nem a mão, eu sento a minha bunda”. E meu pai falava muito de bunda.

Quando eu li Lélia, eu chorava tanto nessa parte da bunda, que eu falava assim: “ele não tá falando de uma coisa qualquer”. Quando ele diz: “onde eles não põem nem a mão, eu sento a bunda”, ele tá evocando, ainda que não tivesse, né, talvez essa informação, também na língua. Além dele falar o seu bom “pobrema”, “Framengo” - que ele detestava, porque era Vasco. E detestava o “Framengo” porque era Vasco, e porque dizia que “o Framengo nunca aceitou preto”, mas que o Vasco tensionou isso. Tem essa história também. E aí, com que encruzilhada? O Vasco da Gama, seu time, que vai tensionar a entrada de negros. O Brasil e suas encruzilhadas. Falava “Framengo”, falava “pobrema”, e falava: “eu sento a bunda onde eles não põem a mão, não adianta”.

Foi um homem inteligente, articulado, maravilhoso. E quando eu li Lélia, eu falei assim: “meu pai trouxe, evocou essa língua, essa tradição de matriz africana pra mim”. Tinha uma outra coisa que ele falava pra mim que era: “não importa se é a faca que cai sobre o melão ou o melão que cai sobre a faca. O melão sempre sofrerá”. Anos mais tarde, juro pra vocês, com uma amiga professora do EJA - Educação de Jovens e Adultos, chamada Janete Santos Ribeiro - outra ativista militante que, junto com Azoilda Loretto da Trindade, fizeram aí grandes revoluções também na educação -, um dia ela vai... eu vou participar de uma aula com ela, e ela distribui provérbios africanos em papelzinho pras pessoas que tavam na roda. Qual foi o papel que eu peguei? “Não importa se é o melão que cai sobre a faca ou a faca que cai sobre o melão. O melão sempre sofrerá”.

E eu falei: “meu pai falava provérbio africano dentro de casa”. Então, quando a gente fala de memória, gente, tá na gente, tá no nosso corpo. Em cada célula do nosso corpo essa memória, essa ancestralidade, essa negritude Pindorama, pulsa. Qual é o problema? O problema, muitas vezes, é que a gente não tem a narrativa. A gente reproduz, a gente faz os hábitos. Eu não me esqueço nunca: eu entrei no candomblé com 18 anos. Primeira coisa que eu vi no candomblé foi meu pai de santo jogar uma água no chão quando tava acontecendo uma discussão. Ele virou, pegou uma quartinha, jogou água no chão. Minha avó, católica apostólica romana até a última célula, quando caía uma faca no chão, que que ela fazia? Jogava água. Quando tinha uma tensão em casa, o que que ela fazia? Jogava água no quintal. Então, tá na gente.

O problema é que a gente não tem a história por trás dessa corporeidade, desse movimento, dessas ações. E aí esse é o problema, porque as narrativas construídas, a linguagem construída, a história construída vai dizer que a gente não tem escrita porque não tem história, e não tem memória porque não tem história e não tem escrita. E a gente tem história, memória escrita. Quando aparece na televisão o quê? “Ah, desenho rupestre encontrado não sei aonde”, “sítio arqueológico na Paraíba”, “sítio arqueológico no Piauí”. Aí eles falam assim: “grafismos”. Ou então falam assim: “ah, tava marcado na pedra uns símbolos”. Isso é escrita. Mas a gente não escuta a palavra “escrita”. Porque disseram pra gente que a gente não tinha escrita, que nós éramos povos ágrafos, sem grafia. Como que a gente não tem grafia? Grafia tá no nosso corpo.

Quando Lélia fala que nós não temos o L, né, nós trocamos o L pelo R, porque não existe nesses troncos linguísticos africanos. Então, por isso a gente fala “pobrema”, “Framengo”. Então, quem é que é o ignorante? O ignorante é uma cultura que se pressupõe ser maior e melhor a ponto de não se colocar no lugar de aprender com o outro, com a outra. Isso empobrece todo mundo, gente. Não precisa, é só a gente pensar. Se eu tô com um problema, eu escuto um amigo, é legal. Se eu tenho

três pra me apoiar, é melhor ainda. Então, quando a gente tem mais fontes, quando a gente tem mais possibilidades, melhor é pra gente, mais rico é o conhecimento, mais rico é o que a gente aprende. A menos que você tenha um projeto político, ligado a um projeto econômico - e aí não tem como não falar de dinheiro - que pressupõe a exploração e a violência de uma maioria em detrimento de uma minoria, porque tem que manter privilégio. Aí, sim. Aí não é interessante pra ninguém saber essa história. Porque se a gente sabe qual é a nossa história, a gente se fortalece. A gente cria confiança intelectual. A gente cria autoestima. Isso foi dito aqui dezenas de vezes. E isso não é banal, né? O processo, como diz um intelectual americano, Carter Woodson, tá ali paralelo com Lélia, que ele fala: “a deseducação do negro”. O que que é?

Então, a gente tem um papel aí de autoria, agência, que não dá pra negar, né? E que a gente precisa também reconhecer e recuperar. Então, acho que é isso. Como é que fica, né? Provocar vocês aí que tão nos ouvindo. Como é que fica, então, né? Como é que a gente faz diferente? Então, é isso. Obrigada, gente.



Anicia Ewerton (Mediadora): Obrigada, Carol. Bom, você nos traz aí pontos importantíssimos pra se pensar, né, nessa questão da educação. Uma educação... presumo que a Lélia nos ensina um pouco isso, uma educação para além dos muros da escola, né? Quando você nos traz o exemplo das escolas de samba, dos movimentos negros, como esses espaços também são educadores, né? E hoje eu penso também muito, como espaço educador, os coletivos, né? Os coletivos que surgiram, os grupos de estudos, tudo isso atravessa aí nosso processo de educação.

Agora eu passo a palavra pra Valdenia.



Valdenia Menegon: Boa noite a todas às pessoas. Eu sou Valdenia Menegon. Eu queria dizer que, pra mim, é uma honra imensurável tá aqui nesse espaço.

Eu sou professora, sou gestora escolar, sou militante do movimento negro - de modo especial, das mulheres negras -, faço parte do movimento Mulheres Negras Decidem, sou também homenageada em um instituto que leva meu nome, no qual a gente também busca fazer uma educação política, né? E trazendo, inclusive, nesses espaços os estudos dos textos de Lélia Gonzalez. E aí eu queria mostrar pra vocês o livro “Festas Populares no Brasil”. Quando eu fui ler “Festas Populares”, gente, foi uma loucura na minha existência, porque eu simplesmente não parava. Eu não posso nem emprestar esse livro porque ele tá extremamente marcado. É muito emocionante falar sobre Lélia Gonzalez, ela constrói a escrita e parece que ela está aqui conversando com a gente, né?

Então, é uma escrita extremamente profunda, rigorosa, extremamente rigorosa sobre o pensar o Brasil, sobre interpretar o Brasil, mas ao mesmo tempo é como se a gente estivesse sentada do lado de Lélia Gonzalez e ela nos contando a nossa história a partir de nós mesmos.

Porque durante muito tempo, outras pessoas escreveram sobre nós, falaram por nós, “nos infantilizaram”, como disse a Carol. E aí, de repente, chega Lélia Gonzalez e diz: “nós podemos e devemos. Nós vamos contar a nossa própria história. Nós vamos construir ou reconstruir as nossas memórias”, né?

Esse povo que vem de longe, que construiu novos formatos aqui pra poder manter viva a cultura trazida de forma muito violenta da África. Então assim, Lélia nos ensina que nós precisamos falar e fazer por nós mesmos. É o sentir, pensar, fazer a partir das nossas próprias vivências e experiências. E aí, trazendo pro campo da educação, a escola é um microsistema.

Lélia não era excepcional, no sentido de que era única não. Essa também, essa lógica de dizer assim: “ah, ela era excepcional” coloca muito o nosso lugar, né? Dizer assim: “não, só é uma negra que consegue fazer isso”, “só é um negro”. E Lélia dizia que não. Era ela e os seus pares, ela e suas irmãs, tá? Mulheres anônimas, mulheres das escolas, mulheres das escolas de samba, mulheres

do candomblé, da umbanda, das associações.

Foi com esse povo, com essas mulheres que Lélia Gonzalez produziu todo esse conhecimento, gente. E é isso que me faz acreditar mais ainda numa escola pública, que é onde eu atuo: uma escola pública, periférica, estigmatizada, né?

É uma comunidade cigana, violenta, lá no município de Caxias, essencialmente marcada por uma população negra que tem alunos na zona urbana, mas também da zona rural, e que hoje senta numa roda como essa pra ler Conceição Evaristo, pra ler Lélia Gonzalez, pra ler Carolina Maria de Jesus.

Então, isso é o que me faz pulsar e acreditar ainda em uma escola que pode ter o formato, o dinamismo de um quilombo. E é assim que a gente faz a gestão, aprendendo muito com Lélia Gonzalez. E aí como a gente tem um calendário com datas específicas, né, que carrega o legado, a história, a memória do povo negro e também do povo indígena,

Esse mês, ontem, foi o dia de Negro Cosme, do Maranhão. Não sei se vocês lembraram. E aí a gente desenvolve alguns projetos, trazendo exatamente personalidades negras, né, ao longo de todo o ano letivo, inclusive com os estudantes produzindo vídeos, fazendo pesquisas e tal.

E pra finalizar o ano letivo, né, com as nossas atividades, a gente construiu um projeto que vai estar ligado a vários componentes curriculares, como língua portuguesa, arte, história, conteúdos da parte diversificada do novo currículo que a gente não pode fugir, e que traz a Lélia Gonzalez como homenagem, né?

Esse projeto, ele vai ser desenvolvido no mês de novembro, “Projeto Amefricanidade”, onde cada turma vai desenvolver algum trabalho, algum projeto partindo da obra de Lélia Gonzalez, né? Então, a gente... está prevista uma exposição lá, que a gente tem artistas, né, os desenhistas, então eles gostam muito de fazer desenhos.

E aí vai ter lá uma exposição, né, sobre Lélia Gonzalez, mas

também vai ter produção de vídeo, tudo feito pelos nossos professores e pelos nossos alunos.

A gente compreende que, dessa forma, a gente tá levando o legado não só de Lélia Gonzalez, mas de outras pessoas que junto com ela, né, ou através dela, né, ou por ela, consegue fazer a gente acreditar em uma sociedade baseada na solidariedade, nos princípios do quilombo, né?

Porque é assim que acontece com a gente quando a gente lê os textos, quando a gente olha pro corpo, as fotografias de Lélia Gonzalez, né? Então, é isso que me motiva. E a contribuição de Lélia Gonzalez pra educação, ela é infinita. Ela é uma potência, que é o que eu costumo dizer. Ainda tem um tempinho? Ou eu tô dentro do tempo? Ó, tá vendo? Então tá, gente. Muito obrigada.



Anicia Ewerton (Mediadora): Obrigada, Valdenia. Gostei muito, né? Isso que você nos traz da Lélia, toda essa parte cultural, né? Sabe? Eu fiquei emocionada de você trazer esse trecho, né, dela, como ela pensava a cultura, né? E como ela teve essa dimensão nacional. Não só uma dimensão local, mas uma dimensão nacional. Quer dizer: incluir as festas do Maranhão em seu livro. Isso é fantástico. Obrigada pela sua contribuição.

Agora eu passo a palavra pra Jaqueline.



Jaqueline Perroud: Obrigada. Primeiramente, eu gostaria de agradecer essa oportunidade de tá aqui, a gente ter esse momento de troca. É muito importante a gente poder falar sobre um legado tão significativo. E hoje, eu, pelo menos, sou um pouco do resultado de toda a luta que a Lélia fez, né? Eu me formei em Geografia, na UnB, pela política de cotas, da qual eu tenho muito orgulho. E eu vou usar um pouco de alguns termos geográficos, inclusive. Já vou pedindo até desculpa, porque é a minha formação. E eu queria falar um pouco sobre a minha história por causa disso, dessa questão que é um pouco

a história de todos nós. Eu sou da periferia de Brasília, nasci e cresci lá, e Brasília tem uma coisa interessante que, desde a construção, a desigualdade social, ela também é territorial.

As pessoas que são da periferia, elas não têm acesso fácil à área central, a não ser pra trabalhar. Até hoje é assim. Se você pensar que o metrô de Brasília no domingo só funciona até às 7:00, então você não pode ir numa peça no Plano e voltar, porque você não vai ter como voltar. Não vai ter ônibus e não vai ter metrô. Então, essa divisão territorial de Brasília é uma divisão que muda, que faz muita diferença pra minha vida. Eu, quando era criança, eu não ia no Plano, que é o Centro, o chamado Centro, e eu só comecei a ter acesso ao Plano quando eu entrei na UnB, em 2006. E quando eu entrei na UNB, eu passei... aí é um termo geográfico, que a gente chama de “não lugar”, porque eu cheguei lá e tinha várias pessoas que eram da classe média, da classe média alta, que tinham um tipo de vida e uma forma de viver muito diferente da minha. Eu passava mais de duas horas no ônibus, porque era mais de 60 quilômetros de distância pra chegar até a UnB, que na época só tinha esse campus, enquanto os meus colegas saíam do Plano com o seu carro e chegavam em menos de 10 minutos. E aí uma colega um dia me perguntou por que que eu me arrumava tanto pra ir pra faculdade, e aí eu expliquei que, se eu não me arrumasse, provavelmente o motorista nem pararia pra mim subir, porque eles iam achar que eu não tinha nem dinheiro pra pagar a passagem.

Então, era uma realidade muito distante e que eu tive muita dificuldade. E quando eu terminei a faculdade, eu entrei no banco, e esse não lugar, ele continuou existindo, porque também os funcionários do banco, em sua maioria, são de classe média. E aí eles também têm essa dificuldade de entender quando a gente fala que o nosso salário não é só pra nós. Pra mim, pessoalmente, é pra mim e pra minha família. Que estar num lugar como o Banco do Brasil é melhorar a vida de todos à minha volta. E o grupo BB Black Power, que é o que eu participo, ele vem muito desse processo do não lugar, porque como a

gente tem 90 mil funcionários, cerca de 23% hoje são negros, espalhados em várias e várias dependências pelo Brasil, tem lugares que eles são únicos, e eles não têm com quem dividir essa experiência dessa diferença de origem.

É a primeira vez que a gente tem a diversidade realmente sendo tratada com a importância que ela precisa. Então, a gente vê que a questão de gênero, ela é a questão que mais teve importância dentro do banco.

A gente hoje tem muito mais mulheres nas lideranças - não do jeito que a gente precisa, ainda temos muito a evoluir, mas houve, sim, melhorias -, só que também vemos, como a gente já sabe, que as mulheres negras não conseguiram esse mesmo resultado. Infelizmente, a gente ainda não tem mulheres negras no mesmo nível de crescimento que as mulheres brancas. E também a questão racial foi uma questão que teve grande visibilidade no último ano, e teve dois programas principais que a gente pode citar, que é o “Programa de Mentoria Negra” que fez letramento com alguns funcionários do banco pra poder difundir a importância da questão racial. E tem o “Programa Raça Prioridade”, que é um programa que ele tá no início, e tem como objetivo capacitar... a gente não gosta de falar “capacitar”, porque a gente fala que não falta capacidade, falta oportunidade.

Então, o que a gente quer é que tenha oportunidade pra essas pessoas poderem crescer e virarem lideranças. Mas a gente também sabe que a gente precisa muito mais de liderança e gente em todos os níveis hierárquicos, porque o grande problema é que algumas pessoas podem subir, mas se outras não, então não vai ser cíclico.

A gente vai ter sempre só o “preto único”, que a gente fala, em alguns espaços. Então, a gente tem que continuar lutando. Como a Lélia diz: “nada nos foi dado”. Tudo foi a partir e com muita luta.

E aí, pra nós, o nosso objetivo é formar, transformar a vida das pessoas mais fáceis, principalmente os que virão depois de

nós, pra não ter que ter tanta luta e tanto sacrifício de tantas pessoas pra gente poder chegar no lugar e estar no lugar, como eu, por exemplo, que várias pessoas fizeram sacrifício - meus pais, eu - pra chegar até aqui, e que seja um caminho mais simples e fácil pras próximas gerações. E é basicamente isso. Obrigada.



Anicia Ewerton (Mediadora): Obrigada, Jaqueline, aí pela essa sua vivência, né, dentro de uma instituição de economia mista, o Banco do Brasil, Você toca num ponto aí importante, que é esse não lugar. É não se sentir pertencente àquele lugar, né? E o interessante é que vocês encontraram uma saída, né, que é com o BB Black. Que você vê isso como uma espécie de aquilombamento também, né? Então, fazer esse aquilombamento pra poder resistir a todo esse sintoma brasileiro, né, que é do racismo e do sexismo, como a Lélia nos coloca.

Bom, chegou o momento das considerações finais. Jaqueline.



Jaqueline Perroud: Eu gostaria de agradecer mais uma vez a oportunidade de tá aqui, de falar sobre a Lélia, falar sobre essa interseccionalidade. É algo fundamental, importante. É importante a gente ter noção que a questão de gênero, a questão racial, ela é estruturante na nossa sociedade.

A gente nunca vai conseguir evoluir se a gente não continuar discutindo e buscando soluções pra esses problemas todos que a gente vive. Então, ter esses espaços, multiplicar esses espaços em todos os lugares é muito importante. Então, pra mim, esses espaços é o que vai fazer transformar, levar a ideia, e continuar viva a luta da Lélia Gonzalez. Obrigada.



Valdenia Menegon: Gente, eu queria agradecer muito, muito, o fato de que eu estou vivenciando isso aqui junto com vocês. É uma noite memorável. Eu tô muito feliz, muito realizada. Eu tô vendo tantos outros amigos e amigas que fazem parte do

Instituto Valdenia Menegon, né, um instituto que leva meu nome. Queria que vocês passassem a seguir, porque passar a seguir o nosso movimento - passar a seguir Carol, passar a seguir Jaqueline - também é uma ferramenta de combate, né? Porque muitas vezes a gente fica invisibilizado lá nos nossos cantinhos, naquilo que a gente tá fazendo. Não que aquilo que a gente esteja fazendo seja pequeno. Pelo contrário. É grandioso, porque provoca mudança na vida das pessoas, né? Então, é um momento, assim, muito gratificante pra mim. Vai fazer parte aí da minha existência, da minha militância, dizer que eu estive aqui, que eu estive com a família de Lélia Gonzalez, com amiga de Lélia Gonzalez, né, com todo mundo que apoia esse projeto.

É emocionante e me faz acreditar mais ainda que a gente precisa continuar elaborando tecnologias pra que o nosso povo possa existir e existir com dignidade. Eu só tenho a agradecer muito esse momento e dizer que, nessa luta, vocês podem contar sempre, sempre, com essa irmã de vocês. Sempre por aqui. Muito obrigada.



Carolina Rocha: Gente, agradecer a todas as pessoas que ficaram até agora. Dizer que fiquem, porque a gente tem música e que temos comida, tá? Tô adiantando aqui pra ninguém ir embora. E a comida é muito gostosa, tá? Ontem a gente teve o exemplo disso. Ai, gente, eu sou de Xangô, é quarta-feira, eu preciso falar de comida.

E agradecer, assim, a oportunidade de ter conhecido essas mulheres incríveis - Jaqueline, Valdenia, Anicia. Dizer que foi muito importante ouvir vocês, conhecer vocês, e muito importante também ouvir as mulheres de ontem, e muito importante estar nesse projeto. Então, só agradecer e dizer um poema, né?

“Trazemos mulheres de outros tempos na fala.

Uma intrépida dicção nos afaga.

Há mais nós do que solturas em nossa conexão afiada. P
ensou que estivéssemos mortas? Hahahahahahaha.
As nossas histórias são nítidas, ainda que subestimadas.
Vivemos na combalida memória de luta das antepassadas.
Nossa feitiçaria é sagrada.
Mandinga boa é aquela que vinga.
Nos recusamos a abolir a raiva.
Seremos as loucas, fortemente armadas e amadas, pelas ou-
tras tantas que se sentirão chamadas.
Vamos recomeçar a estrada.
Voltar ao centro da encruzilhada, com espelhos e adagas.
E com disposição política muito afiada.
Em nossos ventres há mais vontade do que medo.
E nem poderia ser diferente.
Somos fêmeas matriz, cheias de garras, gritos e dentes”.
Axé. Vamos juntas.



Anicia Ewerton (Mediadora): Bom, obrigada. Obrigada pela
presença de todos. Obrigada.

Realização:



Parceria:



**PROJETO
MEMÓRIA**

LÉLIA Gonzalez

**Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas**



www.projetoleliagonzalez.com.br

Acompanhe o Projeto Memória nas Redes Sociais:



@pm_eliagonzalez



@pm_eliagonzalez



pm_eliagonzalez